

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**IDENTIDADE CULTURAL E BEM-ESTAR SUBJECTIVO EM
ADOLESCENTES**

Irina Ramos Patinhas

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**IDENTIDADE CULTURAL E BEM-ESTAR SUBJECTIVO EM
ADOLESCENTES**

Irina Ramos Patinhas

DISSERTAÇÃO ORIENTADA PELA PROFESSORA DOUTORA LUÍSA BIZARRO

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde

Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-Comportamental e Integrativa)

2013

AGRADECIMENTOS

Por todo o apoio, o encorajamento, a paciência e o rigor demonstrados ao longo da elaboração deste trabalho, queria expressar o meu sincero agradecimento à Professora Doutora Luísa Bizarro, orientadora desta dissertação.

À Doutora Carla Mouro, por toda a ajuda nas análises estatísticas e disponibilidade demonstrada.

À equipa técnica do projecto onde se aplicaram os questionários, pela sua ajuda e por todo o apoio demonstrado durante a realização deste trabalho. Também a todos os jovens que participaram, carinhosamente, neste estudo. Obrigado também por, ainda que involuntariamente, me terem feito compreender a existência desta realidade e despertado em mim a curiosidade para estudar melhor este tema, sem vocês este trabalho não seria possível.

À Raquel Jorge, por toda a compreensão, partilha e entre-ajuda, não só por estarmos a viver o mesmo, mas porque eu sei que mesmo que não estivéssemos, ela estaria lá. À Marisa Filipe, por me fazer sempre acreditar que iria conseguir fazer mais e melhor, mesmo quando parecia impossível. À Madalena Gomes, por tudo o que aprendemos juntas e por sempre me ter mostrado que tudo é possível. Às três, não só por este ano, mas pelos cinco, um enorme obrigado por tudo o que são na minha vida.

Obrigado ainda à Andreia Catarino, por todas as partilhas de materiais e sorrisos, e também à Rita Mimoso, que para além de uma boa surpresa, foi uma enorme companheira em todos os momentos deste ano.

Aos meus pais, por me ensinarem a nunca deixar de sonhar e por demonstrarem, mais uma vez, acreditar incondicionalmente em mim. Ao meu irmão, pela paciência, encorajamentos e por todos os momentos mais descontraídos que são sempre tão bons. Certamente sem eles teria sido tudo muito mais difícil.

Ao Luís, o meu sincero obrigado, por todo o apoio, paciência e compreensão nos momentos mais complicados. Pela ternura e pelos abraços sempre cheios de força. Por ser o meu sorriso e sem dúvida contribuir (tanto) para o meu bem-estar.

RESUMO

As investigações realizadas com adolescentes portugueses sobre a identidade cultural e o bem-estar subjectivo, apontam, ainda, para uma escassez de informação sobre a relação entre ambos. Tendo este facto em conta, a presente dissertação elaborou um estudo exploratório com 55 adolescentes que frequentam uma IPSS, com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos. A recolha de dados realizou-se com a utilização de dois questionários, *Escala de Gestão da Identidade (EGI)* e *Escala de Satisfação com a Vida (ESCV)*. Desta forma, a presente investigação tem como principais objectivos: (1) Realizar o estudo psicométrico dos instrumentos de medida – *EGI* e *ESCV*; (2) Compreender quais as estratégias, para lidar com a situação bi-cultural, que estão mais presentes na população analisada; (3) Perceber de que forma as estratégias de gestão da identidade cultural, utilizadas pelos adolescentes da amostra, se relacionam com os seus níveis de bem-estar subjectivo, mais especificamente com a sua satisfação com a vida; (4) Compreender qual das estratégias da *EGI* contribui mais para explicar a satisfação com a vida; (5) Analisar a existência de diferenças ao nível do género e do grupo etário, perante as diversas estratégias de aculturação e a satisfação com a vida.

Os resultados apontam para escassas diferenças entre as diversas estratégias de gestão da situação bi-cultural, face aos níveis de satisfação com a vida dos adolescentes. Porém é possível destacar-se a estratégia de Marginalização como aquela que melhor explica o modo como os jovens estão a lidar com esta situação, bem como é aquela que apresenta maiores níveis de satisfação com a vida.

Palavras-chave: Adolescência, Bem-estar subjectivo, Estratégias de gestão da aculturação, Satisfação com a vida.

ABSTRACT

The investigations carried out with Portuguese teenagers on cultural identity and subjective well-being, still point to a scarcity of information about the relationship between both. Having this in mind, this thesis has developed an exploratory study with 55 teenagers attending a IPSS, aged between 12 and 21 years. The collection of data was performed with the use of two questionnaires, Identity Management Strategies Scale (IMSS) and Satisfaction With Life Scale (SWLS). In this manner, this research has as main objectives: (1) Conduct the study of psychometric measuring instruments - IMSS and SWLS; (2) Understand what strategies to deal with the bi-cultural situation, and which are more often present in this population; (3) Understand how the management strategies of cultural identity, used by the adolescents in the sample, are related to their levels of subjective well-being, more specifically their satisfaction with life; (4) Understand which strategy of the IMSS contributes more to explain satisfaction with life; (5) analyze the existence of differences in gender and age group, in regard to the different strategies of acculturation and life satisfaction.

The results indicate scarce differences between the various management strategies in bi-cultural situation, given the levels of life satisfaction of adolescents. However it is possible to highlight the strategy of marginalization as the one that best explains how young people are dealing with this situation, and is the one that has higher levels of life satisfaction.

Keywords: Adolescence, Subjective well-being, management strategies of acculturation, satisfaction with life.

ÍNDICE GERAL

1. INTRODUÇÃO	1
2. REVISAO DE LITERATURA.....	6
2.1. Adolescencia e as suas fases de desenvolvimento.....	6
2.2. Adolescência e construção da identidade	8
2.3. Bem-estar.....	9
2.3.1. Bem-estar subjectivo e implicações socio-demográficas.....	13
2.4. Importância do bem-estar subjectivo na adolescência.....	14
2.5. A importância da cultura	16
2.5.1. O impacto da identidade cultural na construção da identidade	17
2.5.2. O impacto da cultura nos níveis de bem-estar subjectivo	18
2.6. Aculturação	20
2.6.1. Implicações da aculturação na adolescência	22
2.7. Síntese.....	23
3. METODOLOGIA.....	25
3.1. Objectivos do estudo.....	25
3.2. Tipo de estudo	26
3.3. Instrumentos de medida.....	26
3.3.1. <i>Escala de Gestão da Identidade (EGI)</i>	26
3.3.2. <i>Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV)</i>	28
3.4 Amostra.....	29
3.4. Procedimentos	30
4. RESULTADOS	33
4.1. Estudo psicométrico dos instrumentos de medida	33
4.1.1. Estrutura factorial do <i>EGI</i>	33
4.1.2. Análise Descritiva, Consistência Interna e Intercorrelações no <i>EGI</i>	34
4.1.3. Estatística descritiva e consistência interna da <i>ESCV</i>	36

4.2.	Análise das relações entre as estratégias de identidade cultural e a satisfação com a vida	37
4.3.	Valor preditivo das estratégias de identidade cultural em relação à satisfação com a vida	38
4.4.	Comparação de grupos	39
4.4.1.	<i>EGI</i> : Classes etárias e Género	39
4.4.2.	<i>ESCV</i> : Classes etárias e Género	40
5.	DISCUSSÃO E CONCLUSÕES	42
5.1.	Discussão	42
5.2.	Implicações.....	47
5.3.	Conclusões.....	48
5.4.	Limitações e questões futuras de investigação.....	49
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. <i>Características da amostra</i>	32
Quadro 2. <i>Análise Factorial do questionário EGI</i>	35
Quadro 3. <i>Média, Desvio-padrão, Consistência Interna e Correlações das Estratégias do EGI</i>	35
Quadro 4. <i>Análise Factorial e Consistência Interna do questionário ESCV</i>	36
Quadro 5. <i>Correlações entre os factores do EGI com ESCV</i>	37
Quadro 6. <i>Sumário da análise da regressão linear múltipla standard das três estratégias do EGI para a satisfação com a vida</i>	38

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. <i>Estratégias de Aculturação (Berry, 1997)</i>	22
Figura 2. <i>Valores médios da Satisfação com a Vida em indivíduos dos 12 aos 15 anos e dos 16 aos 21 anos</i>	40
Figura 3. <i>Valores médios da Satisfação com a Vida em indivíduos do sexo masculino e feminino</i>	41

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO A - Requerimento à instituição para colaboração na investigação

ANEXO B - Consentimento informado dado aos jovens

ANEXO C - Protocolo de aplicação (instrumentos)

“Conheces o nome que te deram, não conheces o nome que tens.”

José Saramago, *Livro das Evidências*

“Não sou nem ateniense nem grego, mas sim um cidadão do mundo.”

Sócrates

1. INTRODUÇÃO

O período da adolescência é uma fase do desenvolvimento humano que tem como característica principal a enorme quantidade de mudanças que ocorrem a diversos níveis do funcionamento do indivíduo. Ainda assim, pressupõe também que os adolescentes desenvolvam uma boa capacidade de adaptação a essas mesmas mudanças, ou seja, que desenvolvam novas competências para lidar com essas mudanças (Lehalle, 2006). Neste sentido, é espectável que existam alterações nos níveis de bem-estar percebidos pelo adolescente (Bizarro, 1999). Para alguns adolescentes em particular, o facto de estarem sujeitos a divergências culturais, características de uma situação bi-cultural, poderá potencializar mais os factores desequilibradores dos seus níveis de bem-estar.

No conjunto de todas essas alterações e desenvolvimentos destaca-se, no presente trabalho, a construção da identidade cultural. A identidade cultural é parte integrante da identidade do jovem, e esta tem vindo a ser alvo de inúmeros estudos, sendo inicialmente abordada por Erik Erickson, como uma das mudanças mais complexas deste período (Cabral, 1995). A cultura onde o jovem se insere apresenta um papel fundamental na construção dessa mesma identidade, ou seja, esta é uma variável muito relevante e que orienta os padrões e os valores pelos quais os adolescentes vão solidificando a sua identidade (Phinney & Rosenthal, 1992; Rumbaut, 1994; Neto, 2008). Tendo em conta que a adolescência é um período do desenvolvimento marcado pela importância que o jovem concede ao grupo de pares, este será essencial na transmissão desses valores, normas culturais e padrões de comportamento (Scholte & Aken, 2006). Estes irão ajudar o adolescente a formar a sua identidade global, e em particular o grupo de pares é potencialmente responsável pela solidificação da

identidade social, ou seja este, desempenha um papel crucial no desenvolvimento do adolescente (Pereira, Pedro, Amaral, Alves-Martins & Peixoto 2000). Desta forma, a identidade social é um dos aspectos mais importantes da construção da identidade de um jovem, no qual a cultura e a sociedade têm inúmeras implicações.

A imigração sempre foi um fenómeno muito comum em Portugal devido ao seu percurso histórico. Desta forma, existe um grande número de jovens que descendem de imigrantes mas que são portugueses, ou seja, experienciam um processo de aculturação. Segundo dados de 2013 da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico), a percentagem de filhos de imigrantes que nasceram em Portugal aumentou de 5.1% para 8.3%, de 2000 para 2011, respectivamente (OCDE, 2013).

Estes jovens que nascem num país que não é o dos seus pais, defrontam-se com as questões mais complexas sobre a construção da sua identidade cultural, pois estão perante valores e normas culturais que proveem de duas realidades culturais distintas (Schönpflug, 2002). Por um lado, os valores que lhes são transmitidos pelas suas figuras parentais estarão necessariamente mais relacionados com a sua cultura de origem, por outro lado, o grupo de pares transmitirá os valores da cultura em que o adolescente nasceu.

Diversos autores apontam para a existência de algumas estratégias que permitem lidar com este processo de aculturação, destaca-se Berry (1997). Este autor sugere quatro formas de gerir a situação bi-cultural, sendo elas, Assimilação, Integração, Separação e Marginalização. Estas podem ser analisadas pelos seus contrastes, no sentido em que, por exemplo, a estratégia de Assimilação será a opção pelo abandono da cultura minoritária em função da maioritária, e em oposição, a estratégia de Separação concede o favorecimento da cultura minoritária. O contraste entre as estratégias de Integração e Marginalização também é notório, pois representam

dimensões antagónicas. Desta forma, a escolha de uma estratégia mais Integrativa significa um equilíbrio entre a adoção dos valores da cultura minoritária e maioritária, ou seja, numa tentativa de integração de ambos. Por outro lado, a Marginalização representa a falta de interesse em estabelecer uma relação com ambos os grupos, poderá esta falta de interesse partir do próprio indivíduo, mas também pode verificar-se que o grupo minoritário apresenta pouca confiança para afirmar os seus valores perante o grupo maioritário, mas também a maioria estabelece diversas barreiras, dificultando o contacto entre os dois grupos (Berry, 1997). Em suma, o conflito cultural surge, para diversos autores, como central na construção da identidade social dos adolescentes, em particular naqueles que pertencem às minorias (Hinkley, Marsh & McInerney, 2002; Juang, Nguyen & Lin, 2006; Liu, 2012).

O presente trabalho tem como objectivo relacionar as questões da biculturalidade, mencionadas no parágrafo anterior, com o bem-estar subjectivo em adolescentes. Nomeadamente pretende analisar uma dimensão maioritariamente cognitiva do bem-estar subjectivo, ou seja, a satisfação com a vida. Deste modo, é importante referir alguns dados da literatura que enquadram e justificam a escolha do bem-estar subjectivo para este trabalho.

O conceito de bem-estar divide-se em duas dimensões distintas, uma delas denomina-se bem-estar psicológico, que surgiu com Ryff nos anos 80, e centra-se maioritariamente em áreas do desenvolvimento pessoal, como por exemplo conceitos como, a auto-aceitação, a autonomia, o controlo sobre o meio, as relações positivas, o propósito de vida, entre outros (Galinha & Ribeiro, 2005). Por sua vez, o bem-estar subjectivo, surgiu com Diener (1984), e abrange duas grandes dimensões, a emocional (afecto positivo ou negativo e felicidade) e a cognitiva (satisfação com a vida) (Galinha & Ribeiro, 2005). Este trabalho centra-se na dimensão cognitiva do bem-estar

subjectivo, ou seja, apela a um juízo avaliativo da satisfação com a vida do indivíduo. O facto de se optar pela dimensão da satisfação com a vida deve-se à capacidade avaliativa da mesma, tendo em conta que as variáveis relacionadas com a aculturação se demonstram no meio que envolve o indivíduo (relação entre grupos), tem sentido avaliar o bem-estar a partir de uma dimensão que também tenha em conta o contexto e não apenas características do indivíduo.

Os níveis de satisfação com a vida em adolescentes que vivenciam uma situação bi-cultural revelaram-se muito importantes em diversas áreas, como por exemplo, tomadas de decisão em relação a relacionamentos, ou ao contexto escolar (permanência ou não na escola) (Cooper, 1999; Romero & Roberts, 2003).

Em Portugal, persiste ainda uma carência de estudos nesta área, apesar de ser cada vez mais frequente, no nosso país, a existência de adolescentes que experienciam processos de aculturação. Este facto é um dos fortes motivos para a pertinência deste trabalho. Por outro lado, são muitas vezes estes jovens, que devido às características socio-económicas das suas famílias, necessitam de um maior apoio psicológico, e por esse motivo é necessário compreender melhor as suas necessidades enquadradas nas suas experiências.

Em suma, o objectivo do presente trabalho é compreender a relação, ou relações, que se podem estabelecer entre a estratégia de aculturação adoptada pelo jovem e a sua satisfação com a vida.

Por último, o presente trabalho divide-se em diversos capítulos, tentando promover uma melhor organização dos temas abordados. No capítulo II, apresenta uma revisão de literatura dos temas que são o principal foco da investigação. Pretendeu-se começar a apresentar os temas teóricos de partindo de uma perspectiva mais geral para uma perspectiva mais particular. Sendo assim, descrevem-se as principais fases do

desenvolvimento psico-social da adolescência, em particular o desenvolvimento da identidade. Reveem-se os principais modelos teóricos sobre o bem-estar na adolescência, focando-se particularmente no bem-estar subjectivo. Pretende-se relacionar o bem-estar subjectivo com a aculturação, e por esse motivo, apresenta-se vários estudos que permitem contextualizar este tema. No capítulo III, procurou-se apresentar o estudo em questão, ou seja, contextualiza-lo, caracterizando a amostra, os instrumentos e o procedimento. O capítulo IV pretende fazer uma apresentação dos resultados obtidos, e em consequência, o capítulo V descreve as principais conclusões e reflexões que o estudo permite retirar. É também, neste ultimo capítulo que estão contempladas algumas alternativas e considerações para futuras investigações.

1. REVISAO DE LITERATURA

1.1. Adolescencia e as suas fases de desenvolvimento

A palavra “adolescente” tem a sua génese no latim e significa, “crescer, desenvolver-se, tornar-se maior” (Bizarro, 1999). Este período é analisado a partir de uma perspectiva biopsicossocial, tal como todo o desenvolvimento do ser humano. Desta forma, a adolescência é um processo em que existem diversos momentos de maturação, compreendidos entre os 10/11 anos e os 21/22 anos. Para este processo estar concluído, é necessário que o jovem desenvolva capacidades para realizar diversas tarefas desenvolvimentistas. Estas expressam-se em diferentes níveis, destacando-se o plano intelectual, a socialização, a afectividade e a sexualidade (Ferreira & Nelas, 2006).

Para Balk (2011) a adolescência pode ser dividida em três períodos mais curtos: pré adolescência, período médio e período final. É esperado que, com os mesmos, existam diversos desenvolvimentos, como por exemplo, alcançar uma maior habilidade e competência para realizar escolhas de carreira, construir e manter relacionamentos íntimos e também formar uma identidade mais autónoma. De um modo geral, é esperado que, com estas tarefas desenvolvimentistas, o adolescente desenvolva capacidades de responsabilidade, intimidade interpessoal e individualidade.

Tal como foi mencionado anteriormente, o período da adolescência é analisado a partir de uma perspectiva biopsicossocial. Neste sentido, as mudanças a nível físico revelam um grande impacto na forma como o jovem se percebe, ou seja, como constrói a sua auto-imagem (Cameron, 2004). Tendo em conta que nesta fase do desenvolvimento a auto-imagem é directamente relacionada com a formação de

amizades íntimas, poderá dizer-se que a percepção das mudanças físicas, influencia a forma como a identidade e a auto-estima são construídas (Cordeiro, 2005). Por outro lado, o desenvolvimento biológico está em constante interacção com a sociedade e com a cultura em que o adolescente se insere, ou seja, este tentará sempre adaptar-se ao meio que o rodeia (Costa, 1998 cit. por Ferreira & Nelas, 2006).

Ao nível do desenvolvimento cognitivo, Piaget (1972) distingue o pensamento de um adolescente do de uma criança, com a existência da seguinte pergunta: “o que acontece se...?”. Desta forma, o jovem desenvolve a capacidade para o pensamento abstracto, o que permite a possibilidade de pensar para além do “aqui e agora”, ou seja, imaginar diferentes possibilidades (raciocínio hipotético-dedutivo), testar hipóteses (raciocínio formal) e construir teorias. A este estágio, Piaget (1972) dá o nome de operações formais, tendo o seu início por volta dos 12 anos de idade e prolongando-se durante todo o período da adolescência. Para além dos desenvolvimentos previstos ao nível cognitivo, o facto de o ambiente social ser mais alargado promove este mesmo crescimento, ou seja, permite uma maior experimentação, por exemplo, ao nível da interacção com o grupo de pares. Consequentemente o meio em que o adolescente está inserido é de extrema importância, pois é este que lhe vai permitir desenvolver-se neste estágio do raciocínio formal. Selman (1980) acrescenta que é nesta fase do desenvolvimento que o jovem consegue pensar sobre o que os outros pensam e sentem sobre si, ou seja, descentram-se de si próprios e assumem a perspectiva do outro. É portanto a transição entre um pensamento, sobre as pessoas e as relações, mais egocêntrico para um pensamento que coloca uma maior variedade de perspectivas e possibilidades.

Relativamente ao desenvolvimento social, Rotter (1982, cit. por Feist & Feist, 2006) com a sua teoria da aprendizagem social refere que as características pessoais não

podem só por si causar comportamentos, ou seja, existe permanentemente uma interação entre factores ambientais e factores pessoais. Partindo desta interação, é neste período do desenvolvimento que o adolescente começa a conceder uma maior importância ao meio, afastando-se das figuras parentais. Inicia, então, um processo de aprendizagem de comportamentos, atitudes e valores que compõem um conjunto de regras e expectativas, pelas quais os grupos sociais a que pertence se regem. Esta aprendizagem é essencial para o desenvolvimento da sua autonomia e da construção de identidade (Bizarro, 1999). Tendo em conta o tema da presente dissertação, mostra-se necessário destacar, dentro de todas as tarefas desenvolvimentistas que compõem esta fase do desenvolvimento, a construção da identidade.

1.2. Adolescência e construção da identidade

Como principal tarefa desenvolvimentista da adolescência, a construção da identidade capacita o indivíduo de uma nova representação de si próprio e dos que o rodeiam. Segundo a teoria do desenvolvimento psicossocial proposta por Erickson (1982), existem oito estágios do desenvolvimento, dos quais emergem conflitos ou crises psicossociais que os representam. A fase da adolescência caracteriza-se pela crise identidade *versus* confusão, pois este é um período onde os jovens experienciam vários papéis sociais e crenças. Segundo o mesmo autor, a identidade surge através de dois factores, o primeiro remete para as experiências da infância, as quais o adolescente pode adoptar ou em vez disso, nega-las. O segundo prende-se com os padrões do contexto histórico-social que exigem uma adaptação do indivíduo. A importância que a sociedade desempenha nesta fase do desenvolvimento é decisiva, visto que os adolescentes

identificam-se de uma forma mais intensa com o seu grupo de pares, o que leva a que ocorra um processo de aprendizagem da identidade com esses grupos sociais.

Para Erickson (1982), quando o adolescente rejeita tanto os valores que as figuras parentais e o grupo de pares lhes transmitiram, surge uma intensificação do estado de confusão da identidade. Este estado caracteriza-se, principalmente, pela rejeição dos padrões familiares e sociais, mas também por uma auto-imagem instável, ou seja, dividida, bem como por uma incapacidade para estabelecer relações íntimas. Apesar deste estado conduzir a alguma insatisfação, este é necessário e normativo nesta fase do desenvolvimento, pois é a partir dele, ou seja do estado de dúvida, que o adolescente consegue desenvolver uma identidade mais estável.

Após a crise de identidade, segundo Erickson (1982), surge a dimensão de fidelidade, que se define pela capacidade que os adolescentes desenvolvem para confiarem uns nos outros e acreditarem nas suas próprias ideologias e visões de futuro. Com esta nova dimensão surge outra crise característica deste período de desenvolvimento, intimidade *versus* isolamento. Por um lado, a intimidade é a procura da partilha da própria identidade com alguém, por outro, o isolamento é o evitamento dessa mesma partilha. É essencial um equilíbrio entre as duas dimensões psicológicas, pois é necessário um certo nível de isolamento nas relações com os outros, de maneira a que a identidade pessoal não seja diminuída.

1.3. Bem-estar

Como uma dimensão positiva da saúde, o bem-estar tem vindo a ser alvo de vários estudos, apesar de ser um conceito relativamente recente. Wilson (1967) estudou pela primeira vez este conceito e abordou-o a partir de duas diferentes perspectivas. Segundo Diener (1984) essas perspectivas seriam, a abordagem *Bottom-Up* que tem como base

que a felicidade é a acumulação de momentos positivos, isto significa que, uma vida feliz será aquela que é preenchida com diversos momentos satisfatórios. Em contraste, para a abordagem *Top-Down* existe uma pré-disposição para experienciar felicidade, ou seja, retira-se prazer das vivências porque já existe um estado de felicidade anterior (locus de controlo interno). Galinha e Ribeiro (2005) diferenciam, de forma mais detalhada, estas duas perspectivas teóricas. Na primeira, *Bottom-Up*, a satisfação das necessidades por parte do indivíduo traduz-se em felicidade. De acordo com a segunda perspectiva, *Top-Down*, a felicidade (que pressupõe um grau de satisfação necessário) depende da adaptação do indivíduo à sua vida, que é influenciada pelas suas experiências de vida, pelas comparações que vai estabelecendo com quem o rodeia, bem como, pelos seus valores pessoais.

Tendo como base as duas perspectivas anteriormente referidas, o bem-estar foi dividido em duas dimensões conceptuais, o bem-estar material e o bem-estar global. Estas visavam uma divergência com base nos rendimentos e posses do indivíduo (Van Praag & Frijters, 1999). As dimensões foram-se complexificando com a Segunda Revolução da Saúde, que propôs uma nova dimensão, mais fina, de bem-estar, ou seja, que este avalia variáveis como a satisfação com a vida, a felicidade, o afecto positivo e o afecto negativo (Lucas, Diener & Suh, 1996). Toda a investigação realizada a partir deste momento veio revolucionar o conceito do bem-estar, surgindo uma nova divisão do mesmo. Bem-estar psicológico e bem-estar subjectivo, são as dimensões que resultaram desta separação teórica, que pressupõe definições distintas para cada conceito. No que diz respeito à dimensão de bem-estar psicológico esta surgiu nos anos 80, com Ryff, e propõe uma avaliação de conceitos como a auto-aceitação, o desenvolvimento pessoal, as relações positivas, o nível de autonomia, o propósito da vida e o nível de controlo sobre o meio. Por outro lado, o bem-estar subjectivo baseia-se

em dimensões como o afecto (felicidade) e a satisfação com a vida (Galinha & Ribeiro, 2005).

O presente projecto de investigação centrar-se-á, de forma mais precisa, no estudo do bem-estar subjectivo, pois pretende-se avaliar a satisfação com a vida, em jovens que vivenciam um processo de aculturação. Por este motivo, em seguida explicar-se-á mais detalhadamente a definição e a evolução destas dimensões, bem-estar subjectivo e satisfação com a vida.

De um modo mais específico, o conceito de bem-estar subjectivo é subdividido em duas dimensões, a cognitiva e a emocional, sendo que cada uma delas avalia componentes distintos. A dimensão cognitiva requer uma avaliação sobre a satisfação com a vida (geral ou específica), e a dimensão emocional é expressa em termos globais pelo sentimento de felicidade, ou em termos mais específicos, através de emoções - afecto positivo e afecto negativo (Sagiv & Schwartz, 2000). Sirgy (2002) acrescenta que o bem-estar subjectivo deve ser avaliado como uma dimensão de longo prazo, ou seja, não avalia o bem-estar num momento específico. Este autor acrescenta ainda que, esta dimensão pode ser descrita a partir de três componentes diferentes. O primeiro prende-se com a avaliação da satisfação com a vida (nos domínios mais importantes da vida do indivíduo). O segundo refere-se à experiência acumulada de afecto positivo (emoções como a alegria, a afeição ou o orgulho), e em contraste o último componente refere-se à experiência acumulada de afecto negativo (emoções como a vergonha, a culpa ou a tristeza).

Diener (2000) sugere uma diferenciação alternativa dos componentes, anteriormente mencionados, do bem-estar subjectivo. Esta descreve-se da seguinte forma: satisfação com a vida (no sentido global); satisfação com aspectos importantes da vida (por exemplo, satisfação profissional); afecto positivo e afecto negativo. O autor

acrescenta ainda que a investigação revela, a existência de uma forte influência da cultura em que os indivíduos se inserem, em relação aos níveis bem-estar subjectivo experienciados pelos mesmos. Neste sentido, a cultura influencia de várias formas o bem-estar subjectivo, como por exemplo, em países em que as necessidades básicas da população estão colmatadas (por exemplo, alimentação, saúde, entre outras) estes apresenta níveis superiores de bem-estar. As variações das influências culturais sobre os níveis de bem-estar subjectivo parecem resultar em variações de optimismo (culturas mais positivas *vs.* culturas mais pessimistas) e ao nível do suporte social (culturas mais individualistas *vs.* culturas colectivistas). Bradley e Corwyn (2004) encontraram resultados semelhantes mas analisando uma dimensão específica do bem-estar subjectivo, a satisfação com a vida. Concluem que a variabilidade contextual contribui, especificamente, para alterações na satisfação com a vida em adolescentes.

Gilman, Huebner e Laughlin (2000) puderam concluir, que a variável etnia surge relacionada positivamente com a satisfação com a vida. Os autores deixaram explícito que era necessário estudar melhor esta relação, pois os resultados são inconsistentes com os encontrados em estudos anteriores (Dew, 1996 cit. por Gilman *et al.* 2000; Huebner, 1994 cit. por Gilman *et al.* 2000). Com o estudo de Gilman (2001) surge uma distinção mais clara de que existem efectivamente diferenças ao nível da satisfação com a vida quando são comparadas diferentes etnias, por exemplo, os adolescentes afro-americanos revelaram maiores níveis de interesse social e de satisfação, comparativamente com adolescentes caucasianos. O mesmo autor explica que este resultado se enquadra na possibilidade dos adolescentes afro-americanos se reverem como sendo mais sociais e portanto tenderem a estar mais satisfeitos consigo próprios.

1.3.1. Bem-estar subjectivo e implicações socio-demográficas

Para além da influência cultural, outras variáveis apresentam um efeito significativo nos níveis de bem-estar subjectivo experienciado. Por esse motivo, mostra-se relevante elaborar um breve resumo de quais as principais implicações de cada um, tendo por base estudos realizados anteriormente.

A idade é um factor, socio-demográfico, que revela alguma influência, no que diz respeito à avaliação dos níveis de bem-estar subjectivo, revelando que as pessoas mais novas apresentam níveis de bem-estar superiores, em comparação com as mais velhas. Apesar desse facto, em níveis globais as pessoas mais velhas julgam a sua vida de forma mais positiva, isto significa que ao ser pedido para avaliar a sua satisfação com a vida de forma mais global, as pessoas mais velhas tendem a fazer um balanço mais positivo da sua experiência de vida (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999). Por sua vez, também se encontram diferenças ao nível do género, nomeadamente Neto (1993), com uma amostra de adolescentes portugueses, concluiu que os rapazes experienciaram níveis superiores de satisfação com a vida, em comparação com as raparigas. O género revelou alguma interacção com a idade, no sentido em que mulheres mais jovens apresentam níveis de bem-estar subjectivo mais elevados, em comparação com homens da mesma idade (Medley, 1980).

Segundo a literatura, o nível educacional não apresenta um grande impacto nos níveis bem-estar subjectivo, especialmente quando outras variáveis socio-demográficas são controladas (Diener *et al.*, 1999). Por outro lado, Campbell (1981, cit. por Diener, 1984) sugere que o nível de educação funciona como um recurso, que possibilita ao indivíduo alcançar diversos objectivos, e nesse sentido remete para uma maior sensação de bem-estar.

A participação social revela uma influência bastante positiva no bem-estar subjectivo, apesar de este efeito ser facilmente alterado quando outras variáveis, como por exemplo o rendimento familiar ou o estado de saúde, assumem um papel mais importante (Bull & Aucoin, 1975). Posteriormente, outros autores revelam que o efeito das actividades sociais, no bem-estar subjectivo, depende em grande parte da personalidade do indivíduo (Schaffer, 1977, cit. por Diener, 1984). Apesar das evidências demonstradas com estes estudos, o interesse e a participação social estão bastante correlacionados com a satisfação com a vida no sentido em que, indivíduos que mostram uma maior capacidade em cooperar com os outros, e até de entender as suas necessidades, mostram-se mais satisfeitos com a sua vida (Gilman, 2001).

1.4. Importância do bem-estar subjectivo na adolescência

Ao longo dos últimos anos foi sendo cada vez mais necessário estudar o bem-estar subjectivo na adolescência, visto que, tal como referido anteriormente, é o período do desenvolvimento onde ocorrem um maior número de mudanças a diversos níveis (físico, social, cognitivo, sócio-moral, emocional). Pressupõe-se que essas mudanças estão de alguma forma relacionadas, ou seja, têm certas consequências nos níveis de bem-estar dos adolescentes. Devido a estas inúmeras alterações que vivenciam, os jovens podem passar por situações de risco que possibilitam alterações do seu desenvolvimento equilibrado. Se existirem recursos (por exemplo, suporte social, motivação) estes tornam a passagem por estas situações de risco, uma oportunidade para desenvolver níveis mais estáveis e adaptados de bem-estar (Bizarro, 1999). Neste sentido, a adolescência pode ser encarada, também, como uma oportunidade, para que através das mudanças se desenvolva, de forma adaptada, um certo nível de bem-estar.

O grupo de pares desempenha um papel fundamental nesta fase de desenvolvimento, pois é a partir dele que o adolescente começa a construir a sua identidade social, ou seja, vai solidificando as normas, os valores e os padrões de comportamento. Por este motivo, é muito importante para o adolescente ser aceite pelo grupo de pares, sendo que, quando tal se verifica, leva a comportamentos de isolamento, níveis de solidão mais elevados, e consequentemente menor sensação de bem-estar, em comparação com outros adolescentes (Neto, 1992).

As mudanças de contexto, nomeadamente escolares, apresentam-se como um factor de risco para o bem-estar dos adolescentes. Pois a mudança implica uma maior capacidade de adaptação a novos contextos e de criar novas relações sociais, tendo em conta que é na escola que o adolescente normalmente estabelece o seu grupo de pares, e tendo em conta a importância já referida, a mudança irá afectar os níveis de bem-estar (Elliott & Feldman, 1990, cit. por Bizarro, 1999).

No estudo de Fernandes, Vasconcelos-Raposo, Bertelli e Almeida (2011), realizado com adolescentes portugueses, os autores concluíram que a satisfação com a escola está directamente correlacionada com níveis superiores de bem-estar, mas que esta vai diminuindo ao longo do período da adolescência.

A satisfação com a vida é um conceito cada vez mais importante de ser estudado em todas as faixas etárias, devido à relevância que tem sido atribuída à investigação das variáveis positivas da saúde mental. No caso particular do presente trabalho, a necessidade de estudar a satisfação com a vida numa situação adversa, neste caso de aculturação, surge como necessária, tendo o objectivo de compreender de que forma os adolescentes lidam com esta condição. Em Portugal poucos estudos têm sido feitos neste com este objectivo, mas destaca-se Pais (2010), que concluiu que os adolescentes que estavam de certa forma mais próximos dos grupos da cultura minoritária

apresentavam níveis mais baixos de satisfação com a vida, bem como um maior número de retensões, ou seja, menor sucesso escolar.

Segundo diversos autores, a cultura exerce um papel muito importante nos níveis de bem-estar que os adolescentes experienciam (Diener, 2000; Huebner, 2004; Neto, 2008). Tendo em conta a carência de estudos que existem em Portugal com a população de adolescentes sobre a relação destas variáveis, acrescentando o facto do fenómeno de aculturação se tornar cada vez mais comum no nosso país, surge a necessidade de compreender melhor a relação que existe entre estas variáveis no nosso contexto.

1.5. A importância da cultura

Neto (p.11, 2008) apresenta algumas definições, de outros autores, sobre o que é a cultura: “cultura é um conjunto de listas de reforço” (Skinner, 1981); “cultura é como um programa de computador que controla o comportamento” (Hofstede, 1980); “cultura é o *software* da mente” (Hofstede, 1981). Apesar de existirem diversas definições de cultura, a literatura sugere que esta emerge a partir de interacções adaptativas, que contém elementos partilhados e que é transmitida através do tempo e das gerações (Neto, 2008).

Como foi referido anteriormente, tanto para todas as fases do desenvolvimento psicossocial no período da adolescência, como para os níveis de bem-estar subjectivo, a cultura e a sociedade em que o adolescente se insere, revelam, segundo os autores, desempenhar um papel importantíssimo em ambas as dimensões.

1.5.1. O impacto da identidade cultural na construção da identidade

Para abordar este sub-capítulo existe um conceito que se revela importante e por isso será introduzido, este é a identidade étnica. Define-se como o sentimento de pertença a um grupo étnico, ou seja, é um conceito multidimensional que remete para a percepção da própria identidade como membro do grupo étnico (Juang, Nguyen & Lin, 2006).

Segundo vários autores (e.g., Phinney & Rosenthal, 1992; Rumbaut, 1997) a identidade étnica apresenta um grande impacto (tanto positivo como negativo, pois depende fortemente do contexto) na construção da identidade nos adolescentes, visto que esta é apreendida a partir do grupo de pares e este apresenta uma importância estrutural nesta fase de desenvolvimento. French, Seidman, Allen, e Aber (2006), acrescentam que a identidade étnica é especialmente importante nesta fase, em particular para grupos de adolescentes que pertencem a minorias culturais.

Juang, Nguyen e Lin (2006), mencionam que a associação entre identidade étnica e desenvolvimento psicossocial depende fortemente do contexto onde é analisada. Desta forma, destacam-se alguns factores contextuais que revelam um grande impacto na relação entre ambos os conceitos, são eles a densidade étnica, a representatividade social/poder do grupo e o suporte institucional. Com o seu estudo os autores puderam concluir que num contexto culturalmente mais disperso, outro tipo de mecanismos podem ser relevantes para a construção da identidade étnica. Por exemplo, um grupo de asiáticos, num contexto maioritariamente caucasiano, distingue-se como uma minoria nesse grupo, ou seja, é mais provável que ocorram comportamentos discriminatórios ou até que o grupo asiático construa uma consciência elevada de que é um grupo minoritário. Estes resultados mostram que, apesar dos três conceitos (a

densidade étnica, a representatividade social/poder do grupo e o suporte institucional) se revelarem como os mais relevantes, estes interagem de forma diferente na construção da identidade étnica de acordo com o contexto.

Em suma, a identidade étnica parece ser promotora de uma sensação de bem-estar, se o contexto onde o jovem se inserir promover essa cultura específica com a qual a identidade é construída. Remetendo para o exemplo do estudo anterior, o grupo asiático, ao constituir uma minoria no contexto de um grupo caucasiano, sentiria menores níveis de bem-estar.

1.5.2. O impacto da cultura nos níveis de bem-estar subjectivo

Diener e Biswas-Diener (2008), sugerem que a felicidade é um processo e não algo que se alcança devido a determinadas circunstâncias, ou seja, não é um estado da mente concreto. Acrescentam ainda, que alcançar a felicidade é algo muito subjectivo pois é susceptível de ser influenciado por diversas variáveis, pessoais ou sociais. Apesar de muito subjectiva, a maioria das pessoas apresentam-se como satisfeitas com a sua vida, ainda que este facto não signifique que desejam fortemente o que conseguiram alcançar, explicam os autores Diener e Diener (1996). Para os adolescentes, a literatura revela que estes estão, especialmente, satisfeitos com a sua vida, apresentando bons níveis de bem-estar subjectivo (Diener & Diener, 1996; Arteché & Bandeira, 2003). Explica-se este facto, com as características desenvolvimentistas desta fase, que apelam a uma necessidade de idealização e de viver novas experiências, que resulta numa minimização dos aspectos mais negativos (Arteché & Bandeira, 2003).

Diener, Oishi e Lucas (2003) acrescentam que, as principais dimensões que diferenciam os níveis de bem-estar subjectivo entre culturas são, o auto-

aperfeiçoamento em oposição com a auto-crítica, ou seja, encontram-se evidências que revelam diferenças na forma como a auto-valorização (auto-reforço) é experienciado e valorizado entre as diferentes culturas. Outras duas dimensões que demonstram diferenciar, culturalmente, os níveis de bem-estar subjectivo são a aproximação em oposição com o isolamento. Lee, Aaker e Gardner (2000, cit. por Diener, Oishi & Lucas, 2003) demonstraram que pensar em si próprio como membro do grupo étnico, ou seja, pensar de uma forma demasiado colectivista conduz a uma série de pensamentos de cariz mais negativo (por exemplo, evitamento e isolamento). Enquanto que, por outro lado, pensar sobre si como independente do grupo, isto é, de uma forma mais individualista, leva a pensamentos mais positivos (por exemplo, aproximação aos outros e definição de objectivos de vida).

Neste sentido, poderá concluir-se que existem variáveis culturais, como por exemplo, se a cultura é de cariz mais individualista ou mais colectivista, que predispoem os indivíduos para uma maior ou menor facilidade em sentir satisfação com a vida (Diener & Ryan, 2009). Diversas investigações, com crianças e adolescentes, têm revelado a existência de uma correlação positiva (bastante forte) entre os níveis de satisfação com a vida percebidos e a participação social, como por exemplo, satisfação com o grupo de pares. De um modo geral, esta participação social prende-se com capacidades para interagir socialmente ao nível das relações interpessoais (Leung & Leung, 1992; Huebner, Funk & Gilman, 2000; Greenspoon & Saklofske, 2001; Gilman, 2001).

1.6. Aculturação

Como referido nas secções anteriores a cultura apresenta uma grande influência sobre o bem-estar e a formação da identidade em adolescentes. Este trabalho centra-se especialmente no impacto do fenómeno de aculturação na dimensão de satisfação com a vida. Neto (p. 43, 2008) define aculturação como “uma forma de mudança cultural suscitada pelo contacto com outras culturas”. Acrescenta ainda outro conceito, aculturação psicológica, este refere-se às mudanças que ocorrem nos indivíduos, ao nível da construção da identidade, ou seja, dos seus valores, padrões de comportamento e atitudes. Neste sentido, a aculturação refere-se às mudanças ao nível da população (por exemplo, estrutura política, economia, entre outras.), enquanto que a aculturação psicológica se refere às mudanças individuais. Esta distinção é importante, pois, segundo o autor, os indivíduos não experienciam estas mudanças pessoais, todos de igual modo.

Parece-me relevante compreender, mais aprofundadamente, de que forma é que algumas mudanças individuais experienciadas, se refletem nos comportamentos dos indivíduos que vivenciam um processo de aculturação psicológica. Ao nível da linguagem Berry (1980, cit. por Neto, 2008) refere que a segunda geração é muito mais rápida a apreender a nova língua, em comparação com a primeira geração. Chiu (2011) acrescenta que, a linguagem e a cultura estão directamente relacionadas, logo a linguagem é um marco importante da identidade cultural. Também a estrutura de atitudes e valores integram essas mudanças internas. No início os autores consideravam que os indivíduos tentavam adaptar os seus hábitos culturais à nova sociedade onde se inserem, mas com o avanço das investigações, chegou-se à conclusão que os grupos étnicos não perdem os seus valores. Por esse motivo, surgiu a necessidade de criar um

modelo multilinear, ou seja, com mais do que uma dimensão que explicasse o processo de aculturação (Neto, 2008).

Berry (1997) propôs um modelo que postula que as possíveis estratégias de aculturação dependem de duas questões: é considerado importante manter a identidade e características de um indivíduo?; é considerado importante manter relações com a sociedade?. Com a resposta a estas duas questões, surgem quatro possíveis formas de lidar com a aculturação: Assimilação, Integração, Separação e Marginalização. Assimilação resume-se ao abandono da identidade cultural previa, em favor da sociedade presente, em contraste a Separação implica a rejeição da cultura dominante, querendo preservar a sua identidade cultural. Na situação em que um indivíduo pretende manter os valores que lhe foram transmitidos na sua cultura de origem, mas ao mesmo tempo integrar-se na nova sociedade, adopta por um estilo de Integração. Por último, a Marginalização caracteriza-se por um fraco interesse por ambos os grupos, isto é, em estabelecer uma relação com estes. Este fraco interesse poderá dever-se ao facto de existir, por parte do grupo minoritário, pouca vontade em manter os seus valores, mas também por parte do grupo maioritário não é expressa uma vontade para criar uma relação com o outro grupo (por exemplo, devido a questões de discriminação ou exclusão).

Deste modo, é importante realçar que o grupo maioritário desempenha um papel importantíssimo na “escolha” da estratégia de aculturação, bem como as motivações e variações interindividuais dos elementos do grupo minoritário (Neto, 2008, Berry, 1997, Berry, 2005). A figura que se segue sintetiza os quatro modos de aculturação:

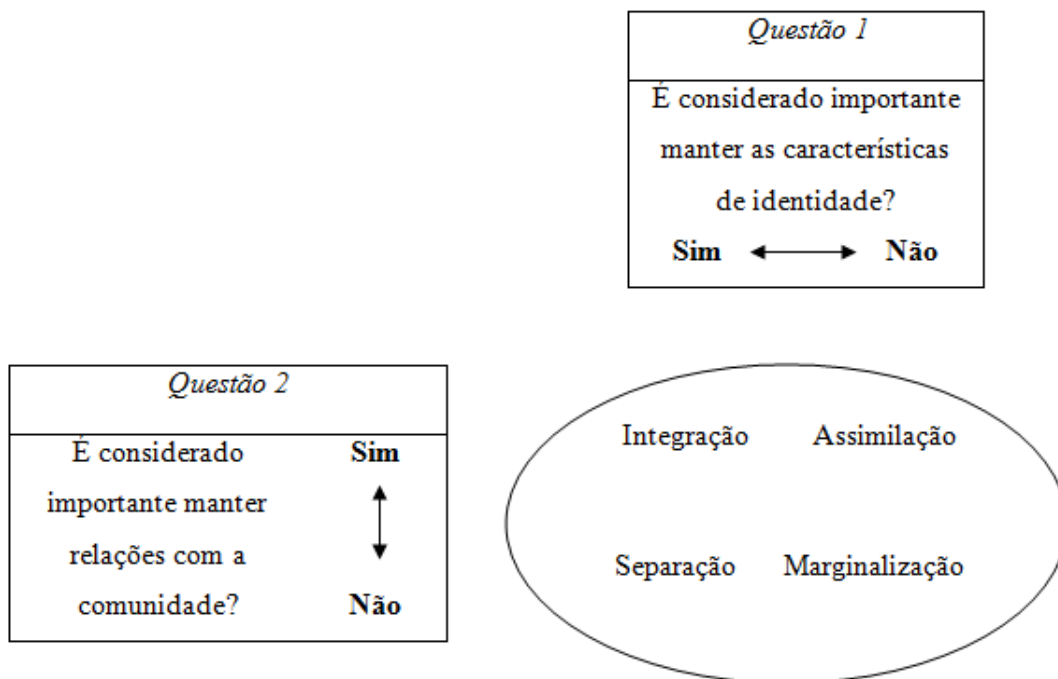


Figura 1. *Estratégias de Aculturação* (Berry, 1997)

1.6.1. Implicações da aculturação na adolescência

Como já foi mencionado anteriormente, a cultura tem um grande impacto no desenvolvimento psicossocial dos adolescentes, assim como na construção da identidade e também nos níveis de bem-estar subjectivo. Neste sentido, o fenómeno da aculturação torna mais complexo este desenvolvimento. Relativamente à construção da identidade, segundo Neto (2008) existe uma vasta evidência de que a identidade cultural dos adolescentes evolui ao longo do seu desenvolvimento, e é influenciada por processos de aculturação, bem como por variações interindividuais, no contexto dos grupos sociais. Neto (1995) refere que os adolescentes em situação de aculturação (neste estudo, são filhos de pais portugueses e residem em França) deparam-se com a pertença a duas culturas (portuguesa e francesa), e por esse motivo necessitam de

resolver a sua crise de identidade, tendo também em consideração que a construção da sua identidade cultural tem em conta a influência de duas culturas.

No que diz respeito às estratégias de gestão da situação de aculturação, os estudos não são conclusivos no sentido de qual é aquela que promove uma melhor gestão da situação de aculturação. Isto é, o que os autores têm concluído é que aquilo que se verifica na prática não é tão linear como os modelos teóricos propõem. Hutnik (1991) realizou um estudo com adolescentes com pais indianos, a viver na Grã-Bretanha, e verificou que apesar de surgir um padrão confuso nas estratégias utilizadas, verificou-se uma predominância da estratégia de Integração. Resultados semelhantes a estes foram encontrados por Phinney & Devich-Navarro (1997, cit. por Mouro, 2003) com diversos grupos étnicos de adolescentes nos EUA.

Existem ainda investigações que apontam para diferenças em relação à estratégia de gestão da situação bi-cultural utilizada, em relação à idade do adolescente. Especificando, quando o processo de gestão da aculturação se inicia em idades mais precoces, este tende a ser mais suave (Beiser et al., 1988, cit. por Berry, 1997). Apesar de ainda não estar claro o motivo pelo qual se verifica esta influência etária, supõe-se que ao iniciar-se mais cedo o processo de aculturação, a influência da cultura minoritária será menor, e por esse motivo, tornar-se-á um processo com menos conflitos ao nível da identidade (Phinney, 1990).

1.7. Síntese

Tendo em conta todos os temas teóricos abordados na presente revisão de literatura, pode afirmar-se que a cultura onde o adolescente se insere desempenha um

papel determinante na forma como este constrói a sua identidade social, bem como o nível de satisfação com a vida que experiência.

Como campo de estudo, para bem-estar subjectivo os autores Diener, Suh, e Oishi (1997) definiram três características de estudo principais, sendo elas: diferenciação entre níveis de felicidade experienciados; baseado em experiências internas do individuo, não se impondo critério externos; focalização em estados de bem-estar sentido a longo prazo e não apenas em momentos específicos. Tendo estes factores em consideração a presente investigação sugere o seguinte interesse de estudo: analisar o impacto de experienciar um processo de aculturação, nos níveis de bem-estar subjectivo, mais precisamente, de satisfação com a vida, em adolescentes. Isto significa que a investigação se irá focalizar numa visão generalizada de satisfação com a vida dos adolescentes, bem como com experiências internas (processos de aculturação) dos mesmos.

2. METODOLOGIA

Com este capítulo pretende-se apresentar as principais características do estudo levado a cabo com este trabalho. Para esse fim, divide-se este capítulo em cinco secções, na primeira delineiam-se os principais objectivos de investigação. Num segundo momento realiza-se uma caracterização geral do tipo de estudo em questão. Posteriormente apresentam-se os instrumentos de medida na sua versão original e a utilizada neste trabalho. No quarto capítulo procede-se a uma descrição da amostra de participantes e por último, descrevem-se os procedimentos utilizados para a recolha e análise dos dados.

2.1. Objectivos do estudo

O presente estudo tem como principal objectivo analisar alguns aspectos que parecem influenciar o bem-estar subjectivo dos adolescentes, mais especificamente, a dimensão cognitiva, ou seja, de satisfação com a vida. Pretende-se avaliar de que forma a estratégia de gestão de um processo de aculturação que o adolescente adopta, afecta o nível de satisfação com a vida que relata. Mais concretamente, o objectivo é avaliar de que forma o tipo de estratégia de gestão da aculturação (por exemplo, mais ou menos integrativa), influencia o bem-estar subjectivo de adolescentes. Os objectivos de investigação do presente trabalho podem ser sintetizados da seguinte forma:

- 1) Realizar o estudo psicométrico dos instrumentos de medida – *EGI* e *ESCV*;
- 2) Compreender quais as estratégias, para lidar com a situação bi-cultural, que estão mais presentes na população analisada;

- 3) Perceber de que forma as estratégias de gestão da identidade cultural, utilizadas pelos adolescentes da amostra, se relacionam com os seus níveis de bem-estar subjectivo, mais especificamente com a sua satisfação com a vida;
- 4) Compreender qual das estratégias da *EGI* contribui mais para explicar a satisfação com a vida;
- 5) Analisar a existência de diferenças ao nível do género e do grupo etário, perante as diversas estratégias de aculturação e a satisfação com a vida.

2.2. Tipo de estudo

O presente projecto de investigação é de carácter quantitativo e de natureza exploratória. As variáveis independentes deste estudo são o género e a idade, e por outro lado as variáveis dependentes são os resultados obtidos na *Escala de Satisfação com a Vida* e na *Escala de Gestão da Identidade*.

2.3. Instrumentos de medida

Ambos os instrumentos utilizados no presente trabalho foram reunidos num único questionário, sendo este anónimo e de auto-resposta (Anexo C). Segue-se uma descrição mais detalhada dos instrumentos utilizados.

2.3.1. Escala de Gestão da Identidade (EGI)

O presente instrumento foi construído por Blanz, Mummendey, Mielke e Klink (1998), com o objectivo de avaliar as estratégias de gestão de identidade social. Este

contempla a cinco estratégias, sendo elas, de Integração, Assimilação, Separação, Marginalização e a de Reavaliação da Dimensão Comparativa (para os autores, prende-se com a comparação entre os dois grupos culturais favorecendo um deles). Recordando o significado de cada estratégia, a Integração surge quando é realizado um balanço entre valores de ambas as culturas, com o objectivo de fazer um equilíbrio na adopção desses valores. Por sua vez, a Assimilação surge quando o indivíduo opta exclusivamente pelos padrões e comportamentos pertencentes à cultura maioritária, em função da minoritária. A Separação reflete a opção contrária, ou seja, adopção dos padrões da cultura minoritária, em função da maioritária. Por último, a Marginalização reflecte uma não identificação com qualquer uma das culturas, o que pode acontecer devido a factores pessoais, ou por outro lado devido a questões relacionadas com as culturas (por exemplo, a cultura maioritária não permite a expressão da cultura minoritária).

Na versão original do instrumento, as estratégias apresentaram os seguintes valores de consistência interna: Integração .96; Assimilação .86; Separação .95; Marginalização .96. Foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Mouro (2003), do qual se obtiveram apenas quatro, das cinco estratégias iniciais, com um grau de confiança satisfatório em todas as dimensões (Integração .62; Assimilação .44; Separação .47; Marginalização .42). A escala pretende avaliar a preferência dos sujeitos por uma determinada estratégia para lidar com a aculturação, em termos de gestão da identidade cultural. A versão da escala utilizada, no presente trabalho, foi a adaptada por Pais (2010), que mede objectivos semelhantes, apenas difere na construção dos itens, pois estes possuem uma linguagem mais simplificada.

Os 16 itens que constituem a escala consideram quatro estilos de adaptação à situação de aculturação, são eles: Assimilação (ex.: item 7 “os filhos dos imigrantes vivem melhor em Portugal se fizerem as coisas à maneira portuguesa”), Integração (ex.:

item 8 “Para os filhos de imigrantes estarem bem em Portugal devem falar tão bem o português como a sua língua materna.”), Separação (ex.: item 4 “Os africanos costumam preparar festas mais animadas que os portugueses.”) e Marginalização (ex.: item 15 “Um jovem filho de imigrantes em Portugal pode viver bem sem fazer parte de qualquer grupo (portugueses, africanos, chineses, etc.)”). O sujeito posiciona a sua resposta para cada um dos itens, numa escala de *Likert* de 5 pontos, na qual 1 corresponde *Discordo totalmente* e 5 a *Concordo totalmente*.

Os resultados obtidos são analisados em termos de factores, ou seja, verificou-se quais os itens que se correlacionam mais no mesmo sentido, isto é compõem um estilo de adaptação à situação de aculturação.

2.3.2. Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV)

A versão traduzida e adaptada para a população portuguesa desta mesma escala foi realizada por Neto (1993) da *Satisfaction With Life Scale (SWLS*; Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985). Segundo os autores, a escala pretende avaliar a satisfação com a vida enquanto processo de juízo cognitivo.

Segundo Diener et al. (1985) a escala é adequada para ser utilizada com diversos grupos etários. Para uma melhor compreensão das propriedades desta escala, posteriormente Bizarro (1999) e Neto (1993) elaboraram estudos para assegurar a fiabilidade e validade da *ESCV* para adolescentes portugueses. Ambos os estudos revelaram propriedades psicométricas apropriadas, demonstrando um coeficiente de consistência interna satisfatório de .84 e .78, respectivamente.

Esta escala é constituída por cinco itens, são eles: 1- Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais; 2- As minhas condições de vida são

excelentes; 3- Estou satisfeito/a com a minha vida; 4- Até agora, consegui obter aquilo que era importante na vida e 5- Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada. O indivíduo situa a sua resposta numa escala de *Likert* de 7 pontos, sendo que 1 corresponde a *Discordo totalmente* e 7 a *Concordo totalmente*.

Os resultados desta escala são obtidos através de uma média das respostas dadas aos cinco itens, sendo que podem variar entre 5, que será o menor grau de satisfação com a vida, e 35, o maior grau de satisfação com a vida.

O critério para a escolha da *ESCV*, baseou-se em dois motivos, o primeiro prende-se com o facto de a escala ser de fácil e rápida resposta, o que era um factor muito importante a ter em conta devido às características da população em si. O segundo motivo vai ao encontro da dimensão que a escala avalia, a satisfação com a vida. Esta era uma das variáveis que compunha o objectivo do estudo, e esta escala revelou boas capacidades psicométricas.

As autorizações para a utilização de ambas as escalas, referidas anteriormente, foram fornecidas pelos autores através de correspondência por *e-mail*.

3.4 Amostra

A amostra utilizada é uma amostra de conveniência, constituída por 55 jovens, entre os 12 e os 21 anos, que pertencem às freguesias do Laranjeiro e do Feijó do concelho de Almada. O grupo pertence a um Espaço Jovem de uma IPSS (Instituição Particular de Solidariedade Social) que funciona na Associação de Solidariedade e Desenvolvimento do Laranjeiro (ADSL). O motivo para a escolha desta população alvo, foi o facto de abranger um número considerável de jovens descendentes de imigrantes. Durante o ano de 2010 estiveram inscritos 110 jovens filhos de imigrantes, e em 2012

aumentaram para 133 (relatório anual de Janeiro a Dezembro (2010 e 2012) do Programa Escolhas). Esta associação tem funções de integração e inclusão social, na tentativa de prevenir situações de exclusão social nesta faixa etária. O Quadro 1 apresenta algumas das características mais relevantes da amostra, idade, género, escolaridade e nacionalidade dos sujeitos inquiridos.

No que diz respeito aos jovens com nacionalidade estrangeira, esta foi controlada oralmente, sendo que teriam que residir há mais de dez anos em Portugal para responderem ao questionário. Desses registos elaborou-se uma média, que resultou em aproximadamente, 11 anos, de residência em Portugal.

2.4. Procedimentos

Para que fosse possível aplicar os questionários *ESCV* e *EGI*, foi solicitada uma autorização à ADSL (Anexo A). A colaboração desta instituição baseou-se na cedência do espaço para a aplicação dos questionários aos jovens que são utentes da mesma. Foi entregue a cada jovem um consentimento informado (Anexo B), que contemplava o objectivo de estudo, bem como assegurava as condições de confidencialidade e anonimato das respostas, seguindo assim os critérios éticos da American Psychological Association (*APA*).

O tratamento estatístico dos dados recolhidos através dos questionários *ESCV* e *EGI* foi realizado através do programa estatístico *IBM SPSS Statistics 20*.

A normalidade da amostra foi analisada através do Teste de Kolmogorov-Smirnov, verificando-se que a amostra é normal para a *ESCV*, bem como para a *EGI*.

Procedeu-se ao estudo da estrutura factorial de ambas as escalas, apesar de os valores obtidos para a escala *EGI*, nos testes KMO (Kaiser-Meyer-Okin) e de

Esfericidade de Bartlett, tenham sido um pouco fracos comparativamente com os padrões estatisticamente definidos. Foi utilizada uma análise factorial exploratória de componentes principais, com rotação ortogonal (*Varimax*).

A precisão dos instrumentos estudados foi analisada através da consistência interna, verificada pelo cálculo do *alfa* de Cronbach. Por sua vez, as correlações entre os instrumentos foram calculadas através do coeficiente de Pearson. Para compreender e analisar o valor preditivo dos factores da *EGI* na *ESCV*, utilizou-se uma análise da regressão linear múltipla *standard*, devido ao facto de os factores da *EGI* não serem suficientemente robustos para utilizar a técnica de regressão linear múltipla *stepwise*.

Para analisar as diferenças entre os grupos etários e o género, foram realizados testes *t*-Student para amostras independentes.

Tendo em conta a dimensão reduzida da amostra, todas as análises foram realizadas utilizando a técnica de *Bootstrap*, na tentativa de colmatar a falta de sujeitos para a realização das análises.

Quadro 1. *Características da amostra*

	Valor	Percentagem
<i>N</i>	55	
Idade (anos)		
M	15.98	
DP	2.765	
Mínimo	12	
Máximo	21	
Sexo		
Masculino	34	60%
Feminino	22	40%
Escolaridade		
1º Ciclo	1	1.8%
2º Ciclo	13	23.6%
3º Ciclo	23	41.7%
Secundário	18	32.7%
Nacionalidade		
Portuguesa	35	63.6%
Cabo-verdiana	14	25.5%
São-tomense	5	9.1%
Angolana	1	1.8%

3. RESULTADOS

O presente capítulo pretende realizar uma síntese dos principais resultados encontrados no estudo. Divide-se em quatro secções, a primeira descreve o estudo psicométrico dos dois instrumentos de medida utilizados. De seguida apresentam-se as relações entre os factores, de ambas as escalas, que resultaram desse estudo psicométrico. Numa terceira parte expõem-se os valores preditivos da *EGI* em função da *ESCV*. Por último, apresentam-se as diferenças encontradas entre dois grupos etários e as diferenças de género.

3.1. Estudo psicométrico dos instrumentos de medida

3.1.1. Estrutura factorial do *EGI*

O presente instrumento está organizado em quatro sub-escalas que representam as quatro dimensões de estratégias de gestão da identidade cultural (Integração, Marginalização, Assimilação e Separação). A amostra utilizada neste projecto apresenta dimensões reduzidas o que levou a que os resultados no Teste Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO = .585$) e no Teste da Esfericidade de Bartlett ($p = .007$) não apoiassem com segurança a continuação da análise factorial. Apesar disso, sentiu-se a necessidade de compreender melhor de que forma as quatro dimensões do instrumento se revelavam nesta população. A outra opção seria assumir que as dimensões teóricas existem nesta população, algo que levaria a erros graves de compreensão do fenómeno neste contexto. Por esse motivo, optou-se por realizar a análise factorial.

O Quadro 2 remete para a estrutura factorial do *EGI* encontrada no presente trabalho. A solução final é constituída por três factores que explicam 68.3% da variância total. Estes factores foram os que mostraram explicar melhor a variabilidade dos dados, ainda que com a exclusão de nove itens (num total de 15 itens). Alguns desses itens excluídos saturaram com outros, mas não tinham interpretação teórica possível (por exemplo: item 13, pertencente à estratégia de Integração, e o item 11, à estratégia de Marginalização; item 2, pertencente à estratégia de Assimilação, e o item 3 à estratégia de Integração). Outros itens não saturam em nenhuma das escalas e por esse motivo, foram excluídos da análise (item 1, 4, 10, 14 e 15).

Desta forma, ainda que se utilizem poucos itens, estes parecem ser os que melhor explicam as dimensões teóricas, nesta população específica.

3.1.2. Análise Descritiva, Consistência Interna e Intercorrelações no *EGI*

No Quadro 3 apresentam-se a análise descritiva (média e desvio padrão), a consistência interna e as intercorrelações dos três factores do *EGI*.

A consistência interna do instrumento foi estudada com o cálculo do *alfa de Cronbach*. A estratégia de Assimilação apresenta uma fiabilidade aceitável ($\alpha = .625$), por outro lado, para as estratégias de Integração e Marginalização a consistência interna é fraca, o que demonstra que os resultados dos itens são pouco semelhantes entre si.

Apenas a correlação entre as estratégias de Assimilação e Integração foi significativa e no sentido negativo. A correlação entre a estratégia de Integração e de Marginalização, apesar de não significativa também foi negativa. Entre as estratégias de Assimilação e Marginalização a correlação foi positiva, mas não foi significativa.

Quadro 2. *Análise Factorial do questionário EGI*

	Assimilação	Integração	Marginalização
12. Os imigrantes em Portugal ajudam mais os filhos se os educaram à maneira portuguesa.	,850		
7. Os filhos de imigrantes vivem melhor em Portugal se fizerem as coisas à maneira portuguesa.	,786		
8. Para os filhos de imigrantes estarem bem em Portugal devem falar tão bem o português como a sua língua materna.		,817	
9. Os costumes e tradições portuguesas são, em geral, mais interessantes do que os costumes e tradições que trazem os imigrantes.	-,351	,673	
5. Pode-se viver bem em Portugal sem pensar em ser imigrante ou português.			,819
6. Em Portugal, se uma pessoa se esforçar, consegue as mesmas condições de vida que a maioria dos portugueses.	,364		,726

Quadro 3 *Média, Desvio-padrão, Consistência Interna e Correlações das Estratégias do EGI*

	M	DP	Assimilação	Integração	Marginalização
Assimilação	6.18	1.95	($\alpha = .625$)	-.322*	.156
Integração	6.11	1.79		($\alpha = .496$)	-.092
Marginalização	7.51	1.76			($\alpha = .382$)

* $p < 0.05$

3.1.3. Estatística descritiva e consistência interna da ESCV

A ESCV obteve um resultado médio de 23.67 (resultado mínimo de 8 e resultado máximo de 35) e um desvio padrão de (6.5). Estes valores são coincidentes com os resultados obtidos por Neto (2003), com adolescentes portugueses.

O Quadro 4 apresenta os resultados da análise factorial do questionário ESCV, que corroboram a estrutura original da escala, pois todos os itens surgem num único factor que explica 55.17% da variância total dos resultados. Contudo, o item 1 é aquele que menos explica o factor.

A consistência interna da escala foi calculada através do *alfa de Cronbach* ($\alpha = .779$), esta está ao nível da encontrada por Neto (2003) ($\alpha = .78$) e por Bizarro (1999) ($\alpha = .84$), o que revela um nível de precisão satisfatório.

Quadro 4 Análise Factorial e Consistência Interna do questionário ESCV

	Um factor
1. Em muitos aspetos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais.	.399
2. As minhas condições de vida são excelentes.	.762
3. Estou satisfeito(a) com a minha vida.	.927
4. Até agora consegui obter aquilo que era importante na minha vida.	.796
5. Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.	.726
Consistência Interna	.779

3.2. Análise das relações entre as estratégias de identidade cultural e a satisfação com a vida

Para compreender melhor as relações entre a *EGI* e a *ESCV*, foram calculadas através do coeficiente de *Pearson*, entre os três factores encontrados na *EGI* e o factor resultante da *ESCV*. Estas correlações estão apresentadas no Quadro 5. Nenhuma das correlações encontradas foi significativa, provavelmente devido à amostra não apresentar dimensões muito elevadas, e à própria consistência interna dos factores da *EGI*. Ainda assim, é possível ao analisar as correlações, perceber que a estratégia de Assimilação revela uma ligeira correlação negativa com a Satisfação com a Vida ($r = -.022$), por outro lado, a estratégia de Marginalização apresenta-se como aquela que está mais correlacionada no sentido positivo com a Satisfação com a Vida ($r = .142$). A estratégia de Integração parece não ter qualquer tipo de correlação com a Satisfação com a Vida ($r = .01$).

Quadro 5. *Correlações entre os factores do EGI com ESCV*

Factores <i>EGI</i>	Factor <i>ESCV</i>
Assimilação	-.022
Integração	.010
Marginalização	.142

3.3. Valor preditivo das estratégias de identidade cultural em relação à satisfação com a vida

Propunha-se avaliar o valor preditivo das três estratégias de gestão da identidade cultural, em relação à satisfação com a vida, por meio de uma análise de regressão linear múltipla *stepwise*, para que assim se conseguisse observar o efeito de cada um dos factores individualmente. Infelizmente, os factores que surgiram da *EGI* não são suficientemente robustos, tal como se comprovou na análise psicométrica do instrumento. Este facto impossibilitou que a análise se realizasse com cada um dos factores de forma individual. Optou-se por realizar uma análise de regressão linear múltipla *standard*, em que os três factores são analisados todos em simultâneo e por isso tornam-se suficientemente fortes para se realizar a análise (Pallant, 2007).

O Quadro 6 apresenta os resultados obtidos dessa análise, e podemos concluir que a estratégia que mais contribui para a Satisfação Com a Vida, é a Marginalização ($\beta = .546$, $t = 1.051$, $p > .05$). Apesar de não ser a um nível significativo, esta estratégia é a que apresenta valores de significância mais baixos.

Quadro 6. *Sumário da análise da regressão linear múltipla standard das três estratégias do EGI para a satisfação com a vida.*

	<i>B</i>	<i>SE B</i>	β	<i>t</i>	Sig.
Assimilação	-.144	.536	-.042	-.282	.805
Integração	.036	.629	.01	.067	.957
Marginalização	.546	.467	.149	1.051	.237

Nota: $R^2 = .149$

3.4. Comparação de grupos

Nesta secção pretende-se comparar grupos das variáveis demográficas (idade e género), nos questionários que compõem o presente trabalho (*EGI* e *ESCV*). Para avaliar a relação destas variáveis com os resultados de ambos os questionários, utilizou-se o teste *t-Student* para amostras independentes.

No que diz respeito à variável idade, foram criadas duas classes etárias, uma delas compreendia idades dos 12 aos 15 anos e a outra dos 16 aos 21 anos. Esta divisão teve como base as frequências acumuladas da idade na amostra, com o objectivo de conseguir duas sub-amostras equilibradas.

3.4.1. *EGI*: Classes etárias e Género

Os dois grupos etários (Grupo 1: 12 aos 15; Grupo 2: 16 aos 21) foram então separados na análise face aos três factores encontrados na escala de *EGI* (Assimilação, Integração e Marginalização). Para os três factores não se encontraram diferenças significativas ao nível das classes etárias (Assimilação $t = .761, p > .05$; Integração $t = .273, p > .05$; Marginalização $t = .167, p > .05$). Para o factor Assimilação as variâncias não são homogêneas ($p = .018, p < .05$), o mesmo não se verificou para os outros dois factores em relação a esta variável.

Analisando a variável género em função das mesmas três dimensões, também não se verificaram diferenças significativas na comparação dos dois grupos (Assimilação $t = .344, p > .05$; Integração $t = .758, p > .05$; Marginalização $t = .213, p > .05$). O factor Marginalização é o único dos três que apresenta variâncias não homogêneas ($p = .016, p < .05$).

3.4.2. ESCV: Classes etárias e Género

Para os dois grupos etários (Grupo 1: 12 aos 15; Grupo 2: 16 aos 21), não se verificaram diferenças significativas ao nível da Satisfação com a Vida ($t = .086$, $p > .05$). Ao nível da variável género, também não se verificaram diferenças significativas ($t = .404$, $p > .05$). As variâncias para ambas as variáveis (classes etárias e género) mostraram ser homogéneas.

As figuras 2 e 3 mostram os valores médios de Satisfação com a Vida, respetivamente às variáveis, classes etárias e género.

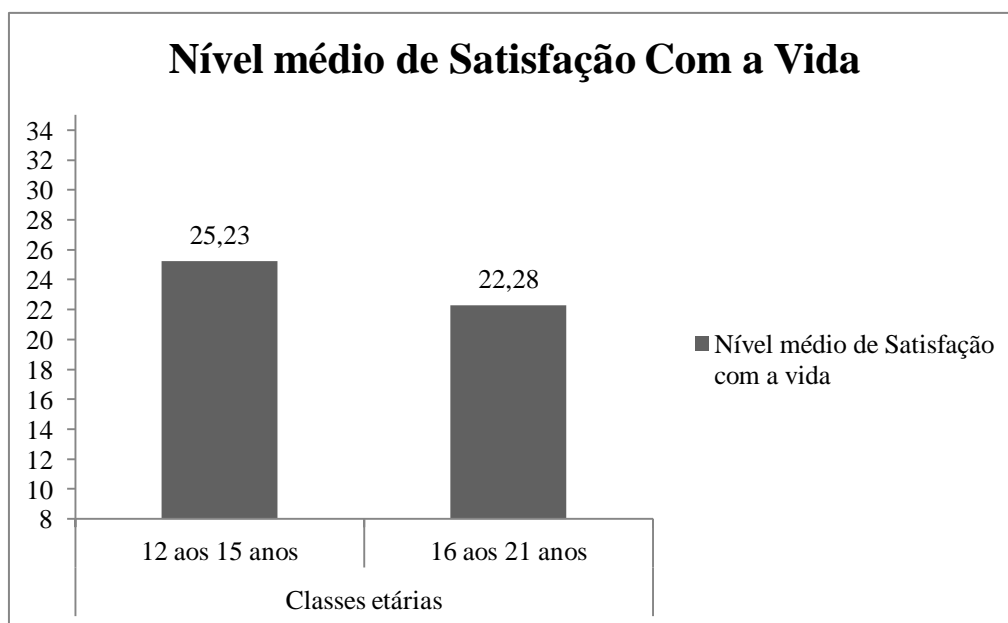


Figura 2. Valores médios da Satisfação com a Vida em indivíduos dos 12 aos 15 anos e dos 16 aos 21 anos.

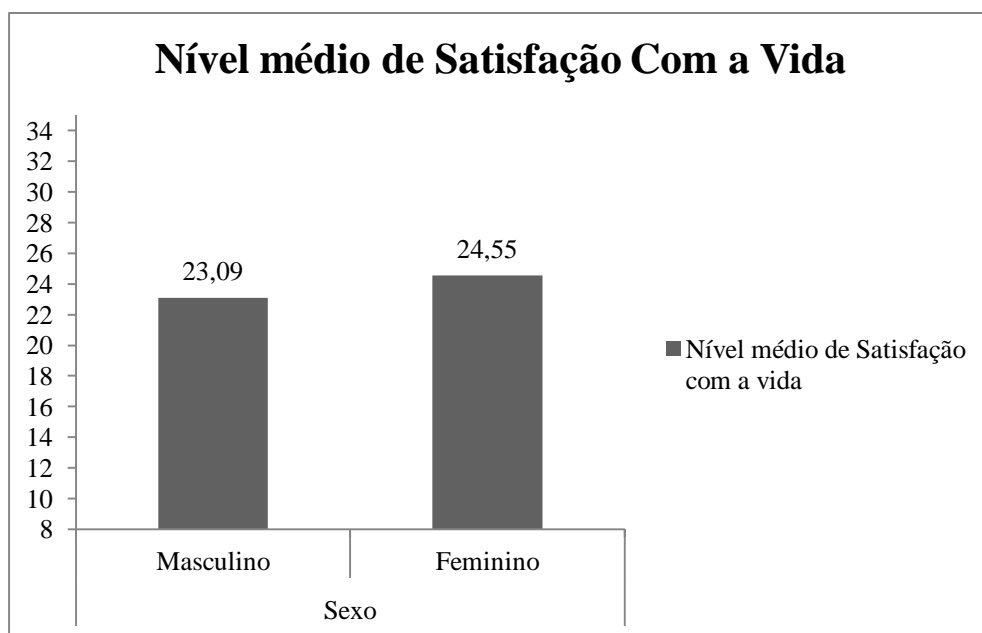


Figura 3. *Valores médios da Satisfação com a Vida em indivíduos do sexo masculino e feminino.*

4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

4.1. Discussão

A presente investigação teve como objectivo compreender as implicações da utilização de uma determinada estratégia para lidar com um processo de aculturação, nos níveis de bem-estar subjectivo, mais especificamente, de Satisfação Com a Vida, em adolescentes. Este estudo revela-se importante devido ao facto de existir uma carência, na literatura científica, de investigações nesta área e com esta população em Portugal. Por outro lado, nos últimos anos verificou-se um aumento do número de jovens que descendem de imigrantes no nosso país, e por esse motivo, estes constituem uma população com uma expressão cada vez com maiores dimensões e que é necessário estudar.

Desta forma, delinearam-se quatro objectivos principais de investigação: (1) Realizar o estudo psicométrico de ambos os instrumentos de medida (*EGI* e *ESCV*); (2) Compreender quais as estratégias, para lidar com a situação bi-cultural, que estão mais presentes na população analisada; (3) Perceber de que forma as estratégias de gestão de identidade cultural, utilizadas pelos jovens da Associação, se relacionam com os seus níveis de bem-estar subjectivo, mais especificamente com a sua Satisfação Com a Vida; (4) Analisar a existência de diferenças ao nível do género e do grupo etário, perante as diversas estratégias de aculturação e a Satisfação Com a Vida.

No que diz respeito ao primeiro objectivo delineado, pode verificar-se que a escala *EGI*, não se apresenta como uma medida robusta das dimensões de aculturação. Os factores encontrados não apoiam totalmente a estrutura factorial que seria espectável (segundo Mouro, 2003) pois foram apenas encontrados três factores (Assimilação,

Integração e Marginalização). Estes não estão totalmente de acordo com a organização inicial da escala, visto que nem todos os itens que medem uma sub-escala factorizaram nessa mesma sub-escala, o que resultou na remoção desses itens devido à falta de suporte teórico para este resultado. Por outro lado, existiram itens que não se agruparam em qualquer escala, tendo sido, por isso, também removidos.

O facto de existirem muitos itens que foram retirados da estrutura factorial pode ter conduzido a uma baixa consistência interna dos factores, com excepção da sub-escala de Assimilação. Outra justificação possível para a baixa consistência interna verificada, é o facto de a amostra ter dimensões reduzidas, o que estatisticamente, pode ter resultado nessa diminuição. Por outro lado, é notória uma acentuada redução da consistência interna das sub-escalas, na adaptação portuguesa da escala, em comparação com a escala original. Pode este facto significar que alguns dos itens não medem exactamente a dimensão para a qual estão construídos, na população portuguesa de adolescentes.

Sintetizando, vários factores contribuíram para a fraca consistência interna das sub-escalas, sendo eles: reduzida dimensão da amostra, tendo em consideração o número de itens; remoção de itens devido ao não agrupamento dos próprios na sua sub-escala; reduzida consistência interna das sub-escalas, apresentada na adaptação portuguesa das mesmas.

No que diz respeito ao estudo psicométrico da *ESCV*, este demonstrou que todos os itens da escala se agrupam num só factor, com contribuições significativas para o mesmo, à excepção do item 1 (“Em muitos aspetos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais”) que apresenta uma contribuição um pouco mais baixa. Poderá explicar-se este resultado, remetendo para as características socio-económicas da população analisada, onde possivelmente os ideais dos adolescentes e a sua realidade são bastante

discrepantes. A escala demonstrou uma consistência interna muito satisfatória, o que vai ao encontro dos resultados obtidos por outros autores (Bizarro, 1999; Neto, 2003).

No que respeita ao segundo objectivo de investigação (compreender quais as estratégias, para lidar com a situação bi-cultural, que estão mais presentes na população analisada), concluiu-se que as estratégias para lidar com o processo de aculturação, mais presentes na população são de Assimilação (abandono da cultura minoritária em função da maioritária), de Integração (equilíbrio entre a adoção dos valores da cultura minoritária e maioritária) e de Marginalização (falta de interesse em estabelecer uma relação com ambos os grupos). Existe uma ligeira superioridade da Marginalização como processo adoptado pelos adolescentes nesta situação específica. Poderá este dado estar relacionado com o facto de os adolescentes não mostrarem disponibilidade para reflectirem sobre o facto de receberem influências de duas culturas, e por isso optam por uma estratégia que permite afastarem-se um pouco dessa realidade. Por outro lado, as próprias características desenvolvimentistas dos adolescentes, neste caso o facto de serem muito sensíveis ao contexto e aos seus próprios estados emocionais (Carver & Scheier, 2001), pode traduzir-se em flutuações na utilização da estratégia de aculturação, como por exemplo, no contexto escolar utilizam um tipo de estratégia e no contexto familiar, outra distinta. Por esse motivo, acabam por não expressar a adopção de uma estratégia tão clara como está reflectido na literatura.

Tento em conta o terceiro objectivo de investigação (perceber de forma as estratégias de gestão de identidade cultural se relacionam com os níveis de Satisfação Com a Vida dos jovens), verificou-se que a dimensão de Marginalização foi aquela que obteve uma maior relação positiva com a Satisfação Com a Vida, sendo também a estratégia que melhor a prediz. Este resultado poderá estar relacionado com o que foi explicado no parágrafo anterior, no que diz respeito às características próprias dos

adolescentes, bem como ao facto de a estratégia em si permitir a ausência de reflexão sobre a bi-culturalidade. Assim, coloca-se a hipótese de os adolescentes que utilizam esta estratégia não concederem ao processo de aculturação uma importância suficiente, para que este tenha implicações negativas na sua Satisfação Com a Vida.

Por outro lado, os itens que representam a dimensão de Marginalização, remetem para questões de bem-estar e de Satisfação Com a Vida. Como exemplo, o item 15 (“Um jovem filho de imigrantes em Portugal pode viver bem sem fazer parte de qualquer grupo (portugueses, africanos, chineses, etc.)”) e o item 5 (“Pode-se viver bem em Portugal sem pensar em ser imigrante ou português”) ambos mencionam a dimensão do bem-estar, e por esse motivo podem relacionar-se com níveis mais elevados de Satisfação Com Vida.

No que diz respeito ao quarto objectivo (analisar a existência de diferenças ao nível do género e do grupo etário, perante as diversas estratégias de aculturação e a Satisfação Com a Vida.), não se verificaram quaisquer diferenças entre o género face à Satisfação Com a Vida e face às dimensões de aculturação. No que diz respeito aos grupos etários também não se verificaram diferenças significativas perante a Satisfação Com a Vida e as estratégias de aculturação. O facto de não se encontrarem discrepâncias entre os grupos pode dever-se às propriedades da amostra, que não é suficientemente grande para evidenciar essas diferenças. Ainda que não seja significativa, o grupo etário dos 12 aos 15 anos mostra-se ligeiramente mais satisfeito com a vida do que o grupo dos 16 aos 21 anos.

De acordo com os resultados obtidos, sugere-se que, o poder de medição de certos itens da escala *EGI* não será o melhor, visto que alguns itens parecem não expressar exactamente a dimensão para a qual estão associados. É também possível que

a remoção desses itens, que não se associaram a qualquer estratégia, tenha diminuído a precisão das sub-escalas, o que conduziu a uma menor precisão dos resultados obtidos.

Ainda assim, as sub-escalas que se encontram na população estudada são de Assimilação, Integração e Marginalização, sendo que a dimensão de Marginalização é aquela que melhor reflete a estratégia utilizada pelos jovens. Esta acaba por ser uma estratégia em que o jovem opta por não reflectir muito sobre a situação bi-cultural que experiênci, o que pode ser característico da fase de desenvolvimento, que só por si já é constituída por diversas mudanças e flutuações. Os adolescentes podem simplesmente adaptar a forma de lidar com o processo de aculturação, ao contexto em que se encontram, como por exemplo, o contexto escolar e o contexto familiar.

Também é a dimensão de Marginalização que mais positivamente se relaciona e prediz, a Satisfação Com a Vida. Poderá estar relacionado com um envolvimento emocional pouco profundo com a situação de aculturação e por isso estará positivamente mais relacionado com os níveis mais elevados de Satisfação Com a Vida. Por outro lado, também os itens que correspondem a esta dimensão parecem indicar um bem-estar inerente por não reflectir sobre o facto de receber influência de duas culturas distintas.

Não se verificaram diferenças significativas ao nível das variáveis demográficas (grupo etário e género) face às três estratégias de aculturação encontradas na população, bem como, perante Satisfação Com a Vida.

4.2. Implicações

Os resultados da presente investigação apresentam um menor número de implicações do que aquele que era espectável, devido à fraca precisão dos resultados. Ainda assim, destacam-se duas implicações.

A primeira implicação prende-se com o facto de a presente investigação ajudar à melhor compreensão das propriedades da *EGI*. Existe, de facto, uma necessidade de melhorar a escala *EGI*, ao nível dos seus itens e da forma como estes representam as diversas estratégias que os adolescentes utilizam para lidar com uma situação de aculturação. Tendo em conta os resultados discutidos anteriormente, surge a possibilidade de pensar em itens mais relacionados com contextos e comportamentos específicos, como por exemplo, “em casa falo a língua que os meus pais aprenderam no país onde nasceram”. Sendo que, o objectivo seria colocar o jovem em situações específicas, fazendo questões mais pessoais, mas que representassem um comportamento concreto, e por esse motivo, mais fácil de identificar para o adolescente. Sendo que estaríamos a medir aquele comportamento enquadrado numa determinada estratégia de gestão da aculturação.

Em segundo lugar, este estudo apresenta implicações na compreensão de como esta amostra de adolescentes experiencia o processo de aculturação. No sentido em que, estes parecem não estar a reflectir sobre o assunto, ou seja, não iniciam um processo de construção da identidade social, o que poderá ter implicações na forma como solidificam certas regras sociais, os valores e as normas de comportamento.

Este resultado tem implicações para a psicologia clínica, nomeadamente para os psicólogos que trabalham na Associação onde os dados foram recolhidos, pois demonstra que os adolescentes necessitam de pensar sobre esta realidade, de entender

que são parte activa da mesma, e que esta é importante para a construção da sua própria identidade social. Neste sentido, e apesar de não existir literatura que indique claramente que uma estratégia conduz a uma melhor adaptação, comparativamente com as outras, sugere-se que a estratégia de Integração, por ser aquela que estabelece um equilíbrio entre as duas culturas, seja a mais promovida no contexto do trabalho a desenvolver com estes adolescentes. Apesar de a estratégia de Marginalização ser aquela que mais se relaciona com maiores níveis de satisfação com a vida, não parece ser aquela que melhor ajuda o adolescente a desenvolver a sua identidade cultural, pois promove exactamente uma não reflexão sobre o facto de o jovem estar perante uma situação de aculturação.

4.3. Conclusões

As principais conclusões que se podem retirar da utilização das escalas *EGI* e *ESCV* são as seguintes: a *EGI* precisa de melhoramentos ao nível da construção dos itens e da forma como estes representam as dimensões de aculturação; a *ESCV* mostrou bons níveis de precisão e portanto revelou ser um bom medidor da Satisfação Com a Vida.

No que diz respeito ao estudo correlacional, verificou-se que a dimensão de Marginalização é aquela que apresenta uma relação positiva com a Satisfação Com a Vida, em contraste com as dimensões de Assimilação e de Integração. A estratégia de Marginalização também é aquela que melhor prediz a Satisfação Com a Vida, nos adolescentes estudados.

Não se verificaram diferenças significativas ao nível de género e do grupo etário, face às dimensões de gestão da situação de aculturação, bem como perante a Satisfação Com a Vida.

Por último, o presente trabalho tenta compreender e analisar, uma área de estudo em que não se encontram muitas investigações realizadas em Portugal. Ainda que modestamente, as suas implicações são ao nível da escala utilizada (*EGI*), bem como ao nível do trabalho desenvolvido na Associação onde foram recolhidos os dados, ou seja, para aquela população específica.

4.4. Limitações e questões futuras de investigação

Nesta secção serão apresentadas algumas limitações do presente trabalho, bem como questões pertinentes para futuras investigações dentro desta temática.

Em primeiro lugar, o facto de a amostra ser muito reduzida dificultou a análise psicométrica dos dados. Por esse motivo não foi possível obter correlações muito significativas, bem como uma satisfatória factorização da escala *EGI*. Justifica-se esta reduzida dimensão da amostra pelo facto de se querer compreender, de que forma as estratégias de aculturação se revelam, e se relacionam com a Satisfação Com a Vida, nos jovens que frequentam a Associação escolhida. Por esse motivo restringiu-se a amostra a estes adolescentes.

Em segundo lugar, a escala *EGI*, para além de estar condicionada pela dimensão da amostra, não mostrou ser uma medida muito precisa das estratégias de aculturação, com diversos problemas ao nível dos itens. Ainda assim, é uma escala que precisa de ser estudada com uma amostra mais robusta, para compreender se com um maior número de indivíduos, os itens se agrupam de acordo com as dimensões que teoricamente

pretendem medir. Por outro lado, talvez realizar uma investigação no sentido de compreender de que forma o contexto interage com a estratégia de aculturação utilizada pelos adolescentes. Possivelmente, se existirem essas diferenças contextuais, incluir itens que meçam esta discrepância.

Para além do que já foi mencionado anteriormente, seria ainda interessante realizar estudos com adolescentes de outros contextos bi-culturais, como por exemplo, países do leste ou asiáticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arteche, A., & Bandeira, D. (2003). Bem-estar subjetivo: um estudo com adolescentes trabalhadores. *Psico-USF*, 8 (2), 193-201.
- Balk, D. (2011). Adolescent development and bereavement: an introduction. *The Prevention Research*, 18 (3), 3-9.
- Berry, J. (1997). Immigration, acculturation and adaptation. *Applied psychology: an international review*, 46 (1), 5-68.
- Berry, J. (2005). Acculturation: living successfully in two cultures. *International Journal of Intercultural Relations*, 29, 697-712.
- Bizarro, L. (1999). *O bem-estar psicológico durante a adolescência*. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Lisboa, Departamento de Psicologia Clínica da Faculdade de Psicologia.
- Blanz, M., Mummendey, A., Mielke, R., & Klink, A. (1998). Responding to negative social identity: a taxonomy of identity management strategies. *European Journal of Social Psychology*, 28, 697-729.
- Bradley, R. & Corwyn, R. (2004). Life satisfaction among European American, African American, Chinese American, Mexican American, and Dominican American adolescents. *International Journal of Behavioral Development*, 28 (5), 385-400.
- Bull, C., & Aucoin, J. (1975). Voluntary association participation and life satisfaction: A replication note. *Journal of Gerontology*, 30, 73-76.
- Cabral, A. (1995). *The existential self: Erik Homburger Erikson's developmental psychology*. Boston: MA.

- Cameron, J. (2004). Interrelationships between hormones, behavior, and affect during adolescence – Understanding hormonal, physical, and brain changes occurring in association with pubertal activation of the reproductive axis. *New York Academy of Sciences, 1021*, 110-123.
- Chiu, C. (2011). Language and culture. *Online Readings in Psychology and Culture, 4*(2). <http://dx.doi.org/10.9707/2307-0919.1098>
- Cooper, C.R. (1999). Multiple selves, multiple worlds: Cultural perspectives on individuality and connectedness in adolescent development. In A.S. Masten (Ed.), *Cultural process in child development* (pp. 25–57). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Inc.
- Cordeiro, R. (2005). Physical appearance and intimate friendship in adolescence: a study using a portuguese college student sample. *Social behavior and personality, 33* (1), 89-94
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin, 95* (3), 542-575.
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R. J., & Griffin, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment, 49* (1), 71-75.
- Diener, E., & Diener, C. (1996). Most people are happy. *Psychological Science, 7* (3), 181-185.
- Diener, E., Suh, E., & Oishi, S. (1997). Recent findings on subjective well-being. *Indian Journal of Clinical Psychology, 24* (1), 25-41.
- Diener, E., Suh, E., Lucas, R. & Smith, H. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin, 125* (2), 276-302.
- Diener, E. (2000). Subjective Well-Being - The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist, 55* (1), 34-43.

- Diener, E., Oishi, S., & Lucas, R. (2003). Personality, culture, and subjective well-being: Emotional and cognitive evaluations of life. *Annu. Rev. Psychol*, 54, 403-425. doi: 10.1146/annurev.psych.54.101601.145056.
- Diener, E., & Biswas-Diener, R. (2008). Happiness: unlocking the mysteries of psychological wealth. *The Journal of Positive Psychology*, 6 (3), 234-236.
- Diener, E., & Ryan, K. (2009). Subjective well-being: a general overview. *South African Journal of Psychology*, 39 (4), 391-406.
- Feist, J., & Feist, G. (2006). Teorias da personalidade (6a Ed). São Paulo: McGraw-Hill Interamericana.
- Fernandes, H., Vasconcelos-Raposo, J., Bertelli, R., & Almeida, L. (2011). Satisfação escolar e bem-estar psicológico em adolescentes portugueses. *Revista Lusófona de Educação*, 18, 155-172.
- Ferreira, M. & Nelas, P. (2006). Adolescências... adolescentes. *Educação, Ciência e Tecnologia*, 32, 141-162.
- French, S., Seidman, E., Allen, L., & Aber, J. L. (2006). The development of ethnic identity during adolescence. *Developmental Psychology*, 42 (1), 1-10.
- Galinha, I.C. & Ribeiro, J.L. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203-214.
- Gilman, R., Huebner, E. S., & Laughlin, J. (2000). A first study of the multidimensional students life satisfaction scale with adolescents. *Social Indicators Research*, 52, 135-160.
- Gilman, R. (2001). The relationship between life satisfaction, social interest, and frequency of extracurricular activities among adolescent students. *Journal of Youth and Adolescence*, 30 (6), 749-767.

- Gouveia-Pereira, M., Pedro, I., Amaral, V., Alves-Martins M., & Peixoto, F. (2000). Dinâmicas grupais na adolescência. *Análise Psicológica*, 2 (18), 191-201.
- Greenspoon, P. J., and Saklofske, D. H. (2001). Toward an integration of subjective well-being and psychopathology. *Soc. Indic. Res.*, 54: 81–108.
- Hinkley, J. W., Marsh, H. W., & McInerney, D. M. (2002). Social identity and Navajo high school students: Is a strong social identity important in the school context?. *Online Readings in Psychology and Culture*, 3 (1). <http://dx.doi.org/10.9707/2307-0919.1027>
- Huebner, E. S., Funk, B. A., and Gilman, R. (2000). Cross-sectional and longitudinal psychosocial correlates of adolescent life satisfaction reports. *Can. J. School Psychol.* 16: 53–64.
- Huebner, E. (2004). Research on assessment of life satisfaction of children and adolescents. *Social Indicators Research*, 66, 3-33.
- Hutnik, M. (1991). *Ethnic Minority Identity. Social Psychological Perspectives*. Oxford University Publications.
- Juang, L., Nguyen, H., & Lin, Y. (2006). The ethnic identity, other-group attitudes, and psychosocial functioning of Asian American emerging adults from two contexts. *Journal of Adolescent Research*, 21 (5), 542-568
- Lehalle, H. (2006). Cognitive development in adolescence: Thinking freed from concrete constraints. In Jackson, S. & Goossens, L. *Handbook of Adolescent Development* (pp. 71-86). New York: Psychology Press.
- Leung, J-P., Leung, K. (1992). Life satisfaction, self-concept, and relationship with parents in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 21 (6), 653-665.

- Liu, J. H. (2012). A cultural perspective on intergroup relations and social identity. *Online Readings in Psychology and Culture*, 5 (3). <http://dx.doi.org/10.9707/2307-0919.1119>
- Lucas, R., Diener, E. & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71 (3), 616-628.
- Medley, M. L. (1980). Life satisfaction across four stages of adult life. *International Journal of Aging and Human Development*, 11, 193-209.
- Mouro, C. (2003). Estratégias de Gestão da Identidade e Percepção de Variabilidade Intragrupal em Adolescentes Portugueses de Origem Cabo-Verdiana. (Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa).
- Neto, F. (1992). Loneliness among portuguese adolescents. *Social Behavior and Personality*, 20 (1), 15-22.
- Neto, F. (1993). Satisfaction with life scale: Psychometric properties in an adolescent sample. *Journal of Youth and Adolescence*, 22 (2), 125-134.
- Neto, F. (1995). Predictors of satisfaction with life among second generation migrants. *Social Indicators Research*, 35, 93-116.
- Neto, F. (2008). Estudos de psicologia intercultural: Nós e outros, 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- OECD (2013), "Portugal", in OECD, International Migration Outlook 2013, OECD Publishing. doi: 10.1787/migr_outlook-2013-35-en
- Pais, S. (2010). Estratégias de gestão da identidade de adolescentes em situação bi-cultural: Impacto no bem-estar e no sucesso escolar. (Dissertação de Mestrado). Retirado de <http://hdl.handle.net/10071/2892>.

- Pallant, J. (2007). *SPSS survival manual: A step by step guide to data analysis using SPSS for windows* (3rd ed.). Berkshire: Open University Press.
- Phinney, J. S., & Rosenthal, D. A. (1992). Ethnic identity in adolescence: Process, context, and outcome. In G. Adams, T. Gullotta, & R. Montemayor (Eds.), *Adolescent Identityformation* (pp. 145-172). Newbury Park, CA: Sage.
- Phinney, J. (1990). Ethnic identity in adolescents and adults: review of research. *Psychological Bulletin*, 108, 499-514.
- Piaget, J. (1972). Intellectual evolution from adolescence to adulthood. *Human Development*, 15, 1-12.
- Romero, A.J., & Roberts, R.E. (2003). Stress within a bicultural context for adolescents of Mexican descent. *Cultural Diversity and Ethnic Psychology*, 9, 171–184.
- Rumbaut, R. (1997). Ties that bind: Immigration and immigrant families. In Booth, A., Crouter, A. & Landale, N. *Immigration and the Family: Research and Policy on U.S. Immigrants* (pp. 3-46). Lawrence Erlbaum Associates.
- Sagiv, L., & Schwartz, S. H. (2000). Value priorities and subjective well-being: Direct relations and congruity effects. *European Journal of Social Psychology*, 30, 177-198.
- Scholte, R., & Aken, M. (2006). Peer relations in adolescents. In Jackson, S. & Goossens, L. *Handbook of Adolescent Development* (pp. 175-194). New York: Psychology Press.
- Schönpflug, U. (2002). Acculturation, ethnic identity, and coping. *Online Readings in Psychology and Culture*, 8 (1). <http://dx.doi.org/10.9707/2307-0919.1068>
- Selman, R. L. (1980). *The growth of interpersonal understandings: Developmental and clinical analyses*. San Diego, CA: Academic Press.

Sirgy, M.J. (2002). *The Psychology of Quality of Life*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

Van Praag, B. M. S., & Fritjers, P. (1999). The measurement of welfare and well-being: The leyden approach. In Kahneman, D., Diener, E. & Schwarz, N. (Eds). *Well-Being: The Foundations of Hedonic Psychology* (pp. 1-35). New York: Russell Sage Foundation.

Wilson, W. (1967). Correlates of avowed happiness. *Psychological Bulletin* , 67, pp. 294-306.

APÊNDICES

ANEXO A

Requerimento à instituição para colaboração na
investigação

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO

A/C Direcção da ASDL,

Solicita-se a autorização para proceder a um projecto de investigação no âmbito da Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, que decorre na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, com a orientação da Professora Dr.^a Luísa Bizarro.

O estudo em questão pretende avaliar a relação entre o bem-estar subjectivo e a construção da identidade em jovens que experienciaram processos de aculturação. Analisando ainda o impacto de outro tipo de variáveis socio-demográficas (por exemplo: a influência do género; o impacto de frequentar actividades numa IPSS – Instituição Particular de Solidarietà Social). Será também realizado um estudo comparativo sobre o impacto de frequentar actividades numa associação e a construção da identidade dos jovens.

Pede-se então a utilização no Espaço Jovem do Projecto +XL e5g, para a aplicação dos questionários aos jovens (dos 12 aos 18 anos). Os dados recolhidos são confidenciais e apenas utilizados para esta investigação. Os participantes assinam um consentimento informado sobre as condições do estudo. Se for do interesse da ASDL poderão ser devolvidos resultados globais do presente estudo.

Para esclarecer qualquer questão relacionada com o estudo, contactar: irinapatinhas@gmail.com.

A estagiária,

Irina Patinhas

ANEXO B

Consentimento informado dado aos jovens

CONSENTIMENTO INFORMADO DE PARTICIPAÇÃO

O questionário que se segue está inserido num projecto de investigação no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, que decorre na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, com a orientação da Professora Dr.^a Luísa Bizarro.

Pede-se então, a tua colaboração para o preenchimento do seguinte questionário acerca da relação entre o bem-estar e a construção da identidade em jovens. Prevê-se que o tempo do seu preenchimento não seja superior a 15 minutos. Os dados são confidenciais e não é pedida qualquer identificação ao longo de todo o questionário. Se for do teu interesse poderás receber informação sobre os resultados deste estudo.

Para esclarecer qualquer questão relacionada com o estudo, poderás sempre contactar-me para o e-mail: irinapatinhas@gmail.com.

Declaro que li e aceito as condições do presente estudo:

—
(assinatura)

Muito obrigado pela tua participação neste estudo!

Irina Patinhas

ANEXO C

Protocolo de aplicação (instrumentos)

Escala de Gestão da Identidade (EGI)

Escala de Satisfação Com a Vida (ESCV)

QUESTIONÁRIO

No âmbito da realização da dissertação de mestrado na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, estou a realizar um estudo sobre bem-estar e construção da identidade em jovens. O objectivo deste estudo será perceber de que forma os jovens lidam com as diferenças entre as culturas, e se estão satisfeitos com a sua vida.

Peço-te que respondas a todas as questões sendo o mais sincero possível. Não existem respostas certas ou erradas, e não tens que mostrar as tuas respostas a ninguém pois o questionário é anónimo.

Muito obrigado pela tua colaboração!

Preenche as questões com os teus dados:

1. Idade: _____

2. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

3. Qual é a tua nacionalidade? _____

4. Qual é a nacionalidade dos teus pais? _____

5. Ano de escolaridade que frequentas: _____

6. Frequentas actividades em alguma associação cultural? Sim ☐ Não ☐

7. Gostaria agora que pensasses um pouco sobre como são as relações entre diferentes culturas. Para isso, utiliza a seguinte escala, e **circunda o número** que melhor indica a tua opinião.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

Mesmo que um filho de imigrante em Portugal tente viver como um português dificilmente será visto como português.	1	2	3	4	5
É melhor para os filhos de imigrantes em Portugal aprenderem a falar bem o português.	1	2	3	4	5
Os filhos dos imigrantes devem conhecer bem as tradições, quer as da sua cultura como as tradições da cultura portuguesa.	1	2	3	4	5
Os africanos costumam preparar festas mais animadas que os portugueses.	1	2	3	4	5
Pode-se viver bem em Portugal sem pensar em ser imigrante ou português.	1	2	3	4	5
Em Portugal, se uma pessoa se esforçar, consegue as mesmas condições de vida que a maioria dos portugueses.	1	2	3	4	5
Os filhos de imigrantes vivem melhor em Portugal se fizerem as coisas à maneira portuguesa.	1	2	3	4	5
Para os filhos de imigrantes estarem bem em Portugal devem falar tão bem o português como a sua língua materna.	1	2	3	4	5



1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente

Os costumes e tradições portuguesas são, em geral, mais interessantes do que os costumes e tradições que trazem os imigrantes.	1	2	3	4	5
As pessoas devem casar com pessoas da mesma origem.	1	2	3	4	5
Um jovem filho de imigrantes em Portugal pode sentir-se bem sem se preocupar com os costumes de cada país.	1	2	3	4	5
Os imigrantes em Portugal ajudam mais os filhos se os educarem à maneira portuguesa.	1	2	3	4	5
É bom haver mais contacto, mais mistura nas escolas entre filhos de imigrantes e filhos de portugueses.	1	2	3	4	5
Na escola, deveriam aprender-se a história, a cultura e as línguas africanas.	1	2	3	4	5
Um jovem filho de imigrantes em Portugal pode viver bem sem fazer parte de qualquer grupo (portugueses, africanos, chineses, etc.)	1	2	3	4	5
É possível uma pessoa sentir que pode pertencer ao mesmo tempo a duas culturas.	1	2	3	4	5

8. Pensando em ti próprio(a), indica **com que grupo de pessoas te identificas mais** (por exemplo, pessoas africanas, pessoas brasileiras, pessoas europeias, pessoas ciganas, etc.):

9. Identificares-te com este grupo é muito importante para ti?

Sim ☐

Não ☐

10. A seguir estão 5 afirmações das quais podes concordar ou discordar. Utilizando a escala apresentada, indica a tua opinião sobre cada uma.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo	Discordo levemente	Nem concordo nem discordo	Concordo levemente	Concordo	Concordo totalmente

Em muitos aspectos, a minha vida aproxima-se dos meus ideais.	1	2	3	4	5	6	7
As minhas condições de vida são excelentes.	1	2	3	4	5	6	7
Estou satisfeito(a) com a minha vida.	1	2	3	4	5	6	7
Até agora consegui obter aquilo que era importante na vida.	1	2	3	4	5	6	7
Se pudesse viver a minha vida de novo, não alteraria praticamente nada.	1	2	3	4	5	6	7